



atos

do conselho geral

ano LXVIII - out.-dezembro, 1987

n. 323

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 323

ano LXVIII

outubro-dezembro

1987

| | | |
|------------------------------------|---|----|
| 1. CARTA DO REITOR-MOR | 1.1. Pe. Egídio VIGANÓ De Pequim rumo a 88 | 3 |
| 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES | 2.1. Pe. Paulo NATALI A formação do salesiano leigo . | 20 |
| | 2.2. Pe. Luc Van LOOY Animação missionária | 29 |
| 3. DISPOSIÇÕES E NORMAS | 3.1. Esclarecimentos sobre as relações econômicas entre casa salesiana e paróquia | 43 |
| | 3.2. Destinação das espórtulas das Missas binadas | 49 |
| 4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL | 4.1. Crônica do Reitor-Mor | 51 |
| | 4.2. Crônica do Conselho Geral | 51 |
| 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS | 5.1. Oração a Dom Bosco | 54 |
| | 5.2. Jornada Missionária Salesiana 1988 Mensagem do Reitor-Mor | 55 |
| | 5.3. Novos Inspetores | 55 |
| | 5.4. Solidariedade fraterna (50.ª relação) | 60 |
| | 5.5. Irmãos falecidos | 61 |

1. CARTA DO REITOR-MOR

DE PEQUIM RUMO A 88

Introdução — A festa da Assunção em Pequim — Os sonhos missionários de Dom Bosco — Os dois primeiros mártires salesianos — Breves contatos com a realidade cultural chinesa — A atual presença de “igreja” — Em comunhão de esperança com a Igreja universal — As perspectivas da nossa Inspeção de Hong Kong — A importância da “paixão” para a ação apostólica — Conclusão.

Roma, Memória de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1987.

Queridos irmãos,

estou voltando da China continental: Pequim, Cantão, Shiu Chow, com uma breve visita final a Macau e Hong Kong. Agradeço de coração a quem preparou com tanta inteligência de afeto todos os detalhes da viagem.

A Ásia sempre me fez meditar bastante sobre o significado e a importância histórica do mistério da Igreja e dos seus carismas. Isto experimentei de maneira mais forte na China: um povo com mais de um bilhão de pessoas!

Depois de dois milênios de Pentecostes, a grande maioria deste povo não conhece ainda a graça e a novidade redentora do Ressuscitado. Ultimamente foi envolvido numa “revolução cultural” que o colocou numa espécie de nova plataforma de lançamento; constata-se também que é preciso ainda descobrir um combustível adequado, excelente e abundante, que o impulse de verdade para o futuro.

Experimenta-se hoje uma espécie de intuição de tempos melhores, que brota da eterna esperança do coração humano.

A história das missões na China é longa: desde o primeiro contato com um grupo de monges nestorianos no século VII, com vários contatos entre os séculos XIII e XVI, até as sucessivas iniciativas dos jesuítas, dos franciscanos, dos dominicanos, dos agostinianos, dos verbitas, dos religiosos de Scheut, dos trapistas, dos maristas, de várias Congregações locais, para chegarmos a muitos outros Institutos que se fizeram presentes no século XX,

entre os quais está a nossa Família Salesiana. É uma longa história sofrida, ligada infelizmente (geralmente só de fato) a tristes iniciativas colonialistas de algumas potências européias.

Quantos sacrifícios e quantos mártires!

Por outro lado, a grande presença de religiões não cristãs, enraizadas há séculos nas culturas locais e imbuídas de aspectos alienantes ligados a visões mitológicas e a expressões supersticiosas, afastaram a autenticidade do sentido religioso do realismo objetivo, centralizado no homem, da “história da salvação”.

A revolução cultural procurou arrancar as raízes de tudo que era religioso (“ópio do povo”) e estrangeiro (“colonialismo”), e deixou um terreno imenso — certamente fértil — para limpar, lavar e semear.

O primeiro período da nossa presença salesiana na China continental — que vai de 1906 ao início dos anos 50 — encarnou o Carisma de Dom Bosco entre os pequenos e os pobres em sintonia com as aspirações e as necessidades da juventude chinesa, suscitando preciosas vocações com uma capacidade de testemunho e de perseverança heróicas. Alguns irmãos daquele tempo permanecem ainda no continente de forma admirável como luminosos sinais de fidelidade e ricas sementes de renascimento.

Parece estar despontando para o povo chinês uma nova época de progresso; percebe-se que a nação pulsa num ritmo até agora desconhecido.

Oxalá não esteja para iniciar a grande hora do Ressuscitado.

Numerosas sementes foram espalhadas no terreno da China¹; a Igreja refletiu em profundidade sobre a natureza e a metodologia da sua missão, com a experiência de tantos defeitos dos últimos séculos.

O Concílio Ecumênico Vaticano II renovou em profundidade a missionologia e também o tipo de atividade eclesial dos vários carismas, para que os missionários de hoje e de amanhã (nós entre eles) pudessem responder mais positivamente ao apelo hoje presente nos grandes e prometedores anseios dos corações chineses.

O nosso santo Fundador Dom Bosco anteviu em sonho o desenvolvimento da presença salesiana, também se acrescentou —

¹ Cf. Jo 12,24; 1Cor 15,37.

já se passaram porém 100 anos — “mas o tempo está nas mãos de Deus”².

A viagem que fiz como Reitor-Mor foi, nas intenções, uma romaria. Quatro dias em Pequim, outros tantos em Cantão e Shiu Chow, e depois quase dois dias em Macau e Hong Kong. Os principais objetivos foram:

- celebrar a solenidade da Assunção na catedral de Pequim;
- reler dois sonhos missionários de Dom Bosco à luz da fidelidade heróica dos irmãos salesianos chineses;
- venerar e agradecer aos nossos primeiros mártires;
- conhecer algo mais significativo da cultura chinesa de ontem e os enormes compromissos da atual nova ordem;
- manter possíveis contatos com representantes das igrejas locais;
- participar do anseio da Igreja Universal por um crescimento na fé do povo chinês;
- participar mais de perto dos méritos e compartilhar as esperanças da Inspetoria salesiana de Hong Kong;
- meditar sobre a força da paixão e da cruz.

Foi na verdade uma viagem significativa, em tranqüila liberdade e com impensáveis perspectivas.

Acredito ser útil oferecer-lhes algumas reflexões sobre cada um destes pontos. Ajudar-nos-ão a viver com um realismo mais concreto o Ano Mariano e a suscitar propósitos de fidelidade na eminência de 88.

A festa da Assunção em Pequim

De Roma fui diretamente a Pequim.

No Ano Mariano desejava celebrar nesta capital a solenidade da Assunção da Bem-aventurada Maria Virgem ao céu: acontecimento que assinala o início da sua maternal obra de Auxiliadora através dos séculos.

Fizera a minha preparação em Fátima, durante a visita de conjunto à Região Ibérica, rezando todo dia (durante uma semana) a Nossa Senhora. Queria representar a Família Salesiana do mundo realizando um especial Ato de Entrega de toda a juventude

² Cf. MB 18, 71-74.

chinesa nas mãos da Auxiliadora na catedral de Pequim, dedicada à Imaculada.

Fui portanto à catedral (ou igreja do Sul) — estava acompanhado pelo Regional Pe. Thomas Panakezham e pelo meu irmão, Pe. Ângelo — e, de joelhos, no segundo banco à esquerda, na presença destas duas testemunhas qualificadas, li a fórmula da Entrega (transcrita no final desta carta). Depois, juntos participamos, como fiéis, da Missa celebrada em latim.

Visitando a catedral vimos, afixado numa coluna perto da entrada, o calendário 1987 da assim chamada “Associação patriótica” que administra as igrejas abertas ao público: em seu centro havia uma bonita imagem, a cores, de Maria Auxiliadora, exatamente a de Valdocco. Pareceu-nos um sinal positivo.

Tínhamos sido informados antes que no dia 19 de janeiro de 1949 Maria Auxiliadora fora proclamada padroeira especial de Pequim. E depois nos foi confirmado algo mais: no primeiro Sínodo dos Bispos da China (14 de maio — 12 de junho de 1924) todo o povo chinês foi confiado à Maria, invocada como “Auxilium Christianorum, Mater gratiae, Coelestis Sinarum Regina”.

Em Xangai, na famosa colina de Zo-sé, existe uma bonita basílica dedicada exatamente a Maria “Auxilium Christianorum”; a estátua, que representa a Auxiliadora de Turim, ergue-se materna acima do altar-mor. No século passado³ fora construída sobre esta colina uma capela hexagonal em sua honra: “Nossa Senhora de Zo-sé”; para lá acorriam os fiéis a fim de pedir auxílio e agradecer-las pelas graças alcançadas.

O próprio Dom Bosco fala disso num livrinho intitulado “Nove dias consagrados à Augusta Mãe do Salvador, invocada com o título de Maria Auxiliadora”⁴. Ao transcrever um exemplo da eficácia maternal de Nossa Senhora escrevia: “O nome de Maria Auxiliadora ressoa hoje glorioso até nos mais longínquos países. A China é um deles. Parece verdadeiramente que Deus queira atrair a si o mundo inteiro através dos prodígios realizados em favor dos infiéis pela intercessão de sua divina Mãe”. E narra dois fatos acontecidos na colina de Zo-sé⁵.

Minha romaria até Pequim quis ter, antes de mais nada, como elemento de grande significado, este aspecto mariano. O sucesso

³ 1868.

⁴ 1870.

⁵ Cf. GIOVANNI BOSCO, *Opere edite*, ristampa anastatica, LAS, Roma, 1977, vol. XXII, pp. (253), (333 e 334).

das nossas atividades missionárias está sempre ligado a uma sincera e confiante devoção para com a Mãe de Deus e da Igreja.

Os sonhos missionários de Dom Bosco

Antes de deixar Roma reli com atenção os cinco grandes sonhos missionários de Dom Bosco: sobre a Patagônia⁶, sobre a América do Sul⁷, sobre as numerosas presenças missionárias⁸, sobre a África, Ásia, Austrália e Oceania⁹, e sobre a linha intercontinental de Valparaíso até Pequim¹⁰.

Dom Bosco fala explicitamente da China no quarto e quinto sonhos. Contempla presentes os seus filhos em grande número e com eficácia evangelizadora. Estava convencido que Nossa Senhora queria os seus também para a juventude daquele povo.

“Se eu tivesse vinte missionários para enviar à China — dizia depois de ter narrado o quarto sonho — certamente receberiam uma acolhida triunfal, apesar da perseguição”¹¹.

Comentando com Pe. Lemoyne o sonho que o fizera contemplar todo o trajeto do Chile a Pequim, “começou a dizer com tranqüilo mas convencido acento: — Quando os salesianos estiverem na China e se encontrarem nas duas margens do rio que passa nos arredores de Pequim! . . . Uns virão até a margem esquerda de um lado do grande Império, outros até a margem direita do lado da Tartária. Oh, quando uns forem ao encontro dos outros para apertarem as mãos! . . . que glória para a nossa Congregação! Mas o tempo está nas mãos de Deus!”¹².

Eu me fiz levar até aquele rio sobre a famosa ponte que o atravessa (descrita também por Marco Polo no seu livro o “Milhão”). Mais tarde, contando aos irmãos da Inspeção que eu era o Reitor-Mor que vinha de Valparaíso e Santiago até Pequim, vi em seus rostos emoção e esperança.

Por enquanto, permanecem ainda na China continental somente alguns irmãos que testemunharam com fidelidade e heroísmo,

⁶ 1872; MB 10, 54-55.

⁷ 1883; MB 16, 385-398.

⁸ Janeiro de 1885; MB 17, 299-305.

⁹ Junho de 1885; MB 17, 643-647.

¹⁰ 1886; MB 18, 72-74.

¹¹ MB 17, 647.

¹² MB 18, 74.

por mais de trinta anos, o amor dos chineses ao Carisma de Dom Bosco, e a sua firme convicção de ter experimentado, com a profissão salesiana, a simpatia e a eficácia do Evangelho do Senhor pela juventude do seu imenso povo; hoje despontam no horizonte novas possibilidades com grandes promessas.

Tendo eu, nas minhas viagens, verificado de alguma maneira nos vários continentes a veracidade profética dos sonhos missionários do nosso Pai, senti no coração (e vi que aqueles irmãos sentem o mesmo) que essa verdade se estende também ao futuro, encontrando apoio aquela famosa expressão do nosso Pai: “Se pudesse embalsamar e conservar vivos uns cinquenta salesianos destes que agora estão entre nós, daqui a uns quinhentos anos contemplariam que maravilhoso futuro nos reserva a Providência, se formos fiéis... Poderá existir algum doido que nos queira destruir, mas serão projetos isolados e sem o apoio dos outros. Tudo depende de que os salesianos não se deixem tomar pelo amor das comodidades e portanto não enjeitem o trabalho”¹³.

Em Pequim rezei para que em toda a Congregação (eis a especial contribuição espiritual para 88) se intensifique e cresça nos irmãos a identidade do Carisma do Fundador: a “mística” ou dimensão contemplativa do “da mihi animas” e a “ascese” ou práxis operacional cotidiana do “trabalho e temperança”.

Os dois primeiros mártires salesianos

A minha chegada a Hong Kong vindo da China continental esperava-me uma carta, de 21 de agosto p.p., escrita por um velho benemérito irmão que trabalha faz muitos anos naquela Inspetoria: “Queridíssimo Pai, bem-vindo à terra dos sonhos de Dom Bosco. A terra chinesa que já foi impregnada pelo sangue de onze irmãos, preparam grandes consolações e triunfos aos filhos de Dom Bosco... mas serão necessários também muitos sacrifícios, como dizia sempre o bem-aventurado D. Versiglia”.

Um dos objetivos da minha viagem à China continental era exatamente o de visitar os lugares do trabalho apostólico e do martírio de D. Versiglia e Pe. Caravário. Por isso, fora convidado para me acompanhar também meu irmão Pe. Ângelo, Inspetor da “Central” de Turim, curado, sete anos atrás, milagrosamente, de

¹³ MB 17, 645.

um câncer maligno após insistentes orações feitas pelos irmãos da Inspetoria lombardo-emiliana (da qual ele era Inspetor na época), dirigidas com grande confiança a estes nossos dois mártires.

Estivemos nos lugares de trabalho e martírio deles; rezamos, lembrando agradecidos o passado e pedindo que a semente destes nossos mártires seja rica para o futuro, e pudemos concelebrar uma Eucaristia cantada em gregoriano de um modo um pouco solitário, mas bem significativo e comovedor, na igreja de Sta. Teresa de Shiu Chow, acompanhada discretamente do lado de fora, porque impedidas de entrar, pela voz de algumas "Anunciadoras do Senhor" (as irmãs locais fundadas por Mons. Versiglia).

Pensávamos nas palavras de João Paulo II, na homilia da missa de beatificação dos dois mártires na praça de S. Pedro em Roma¹⁴: "Em todo tempo e em todo lugar o martírio é oferta de amor também pelos irmãos e em particular por um povo em favor do qual o mártir se oferece. O sangue dos dois bem-aventurados está, portanto, no alicerce da Igreja chinesa, como o sangue de Pedro está no alicerce da Igreja de Roma. Devemos, portanto, entender o testemunho do amor e do serviço deles como um sinal da profunda convivência entre o Evangelho e os mais altos valores da cultura e da espiritualidade da China. Não se pode, neste testemunho, separar o sacrifício oferecido a Deus e o dom de si feito ao povo e à Igreja da China"¹⁵.

Pude constatar na não longa história desta Inspetoria, mais do que em qualquer outra, a abundante presença de martírio e de paixão que é a expressão e o testemunho irrefutável do amor salesiano em favor da juventude do povo da China.

Eis o que pensei durante a presença em Shiu Chow: os filhos de Dom Bosco amaram intensamente, amam e amarão sempre os garotos e as garotas, os jovens e as jovens, o pessoal simples do campo e da cidade deste numeroso e grande povo chinês. À luz destes dois mártires, o salesiano nunca será estrangeiro na China porque é um discípulo de Cristo que escolheu como pátria predileta da sua vocação também a cultura, a história, os projetos, as esperanças e as fadigas deste querido povo que busca a verdade e ama a paz.

¹⁴ 15 de maio, domingo da Ascensão do Senhor, 1983.

¹⁵ *Osservatore Romano*, 16-17 de maio de 1983, pp. 1-2.

Informe-me sobre vários irmãos chineses, leigos e sacerdotes, que souberam, não somente aceitar, mas viver na esperança uma “paixão” durante mais de trinta anos, com alguns pude até falar. Estiveram disponíveis à vontade do Pai como a uma graça. Mais de um deu também a vida; outros continuam o seu testemunho de maneira humildemente sublime.

Na carta de um deles, escrita exatamente no dia 8 deste mês, leio comovido: “Estou aqui (longe e sozinho) já faz 33 anos! Tudo como antes. Todo dia invariavelmente ergo o pensamento a Nossa Senhora Auxiliadora, a Jesus sacramentado (comunhão espiritual), e rezo pelo Papa (sustentá-lo com fidelidade), pensando sempre que os Superiores e os irmãos na grande Família de S. João Bosco não podem se esquecer de mim em meio às tribulações; por isso não estou me sentindo de maneira alguma triste e sozinho, aliás, sinto-me afortunado porque estou seguro de que eles nunca se esquecerão deste coitado; portanto, sinto-me animado... Certamente teria muito o que falar, mas posso resumir minhas palavras num só sentimento: o meu afeto e o meu agradecimento por tudo de tudo.

Soube por tua voz que no próximo ano haverá grandes celebrações pelo centenário da morte de Dom Bosco. Todo dia, na oração da noite, rezo a oração: ‘Ó Pai e Mestre da juventude, S. João Bosco...’. Ele é o meu grande benfeitor desde a minha meninice, não posso esquecê-lo... Auxiliadora, ajuda-nos todos a atravessar serenamente este mar agitado. Sinceros votos pela solenidade da Assunção!”.

Deixem-me dizer, queridos irmãos, que não será fácil superar este nosso querido irmão leigo chinês na preparação e celebração de 88.

Breves contatos com a realidade cultural chinesa

Sobretudo em Pequim pude visitar algumas das maravilhosas expressões da cultura chinesa de ontem e também de certas imponentes iniciativas de hoje. Impressiona a originalidade, a magnificência, a grandiosidade, a perícia, o atento interesse pela ciência, que, juntamente com os ricos valores da tradição familiar, trato social e constância no trabalho, fazem pensar na verdade daquilo que afirmava João Paulo II no congresso comemorativo do 4.º centenário do Pe. Mateus Ricci: “as características próprias da civilização e da cultura chinesas, (são) entre as mais antigas e

celebradas do mundo, símbolo em sua originalidade de pensamento, de expressão lingüística e literária, de tradições e hábitos, constituindo-se um dos mais ricos centros de elaboração dos valores intelectuais e humanos da história universal”¹⁶.

Entre as obras visitadas, as mais importantes (para que tenham uma idéia daquilo que estou tentando expressar) são: o Templo do céu, a Porta da paz, a Cidade proibida (ou Palácio Imperial), o Museu astronômico, o Palácio de verão (da imperatriz), os Mausoléus dos Ming, a grande Muralha, a imensa Praça e o monumento a Mao Tse Tung, a enorme Sala do povo, os Túmulos do Pe. Mateus Ricci e de outros missionários astrônomos e cientistas (como o alemão Pe. A. Schall e o belga Pe. Ferdinand Verbiest para quem, graças à sua ciência, foram decretados funerais de estado, e o austríaco Pe. Augusto von Hallerstein) e alguns Pagodes famosos e ricos de história.

Andando a pé pelas ruas principais de Pequim (que tem quase dez milhões de habitantes) e visitando alguns supermercados, tem-se a convicção prática, pelo corre-corre diário, que o povo chinês é o mais numeroso da terra; sozinho representa de fato mais de um quinto da humanidade.

Nasce, então, espontâneo o pensamento sobre a gravidade dos problemas de convivência social, o árduo serviço das estruturas nas cidades e no país todo, os graves problemas éticos e a urgência em enfrentar tudo isso com uma visão correta da pessoa, da família e da sociedade.

Os anunciadores do Evangelho, impulsionados pela luz e pelo poder do Espírito do Senhor, deverão ter bem em conta os valores originais de um povo tão grande não somente pelo número, como também pela cultura e pela história gloriosa, às vezes cruel, de independência e de libertação.

A atual presença de “igreja”

Como falei no começo desta minha carta, na China experimenta-se de imediato a dimensão de “pequeno rebanho” dos cristãos envolvidos por um mar de irmãos que ainda não conhecem a Notícia da ressurreição.

¹⁶ *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Libreria Editrice Vaticana, V. 3, 1982, pp. 927-928.

Os acontecimentos destes últimos decênios afastaram numerosos missionários e dizimado e espantado o rebanho: havia em 1948 mais de 5.700 sacerdotes e quase 8.000 religiosas e irmãos leigos. Hoje são bem poucos: em toda Pequim contam-se só 16 sacerdotes da Associação patriótica.

Desde 1978 a Constituição afirma a liberdade pessoal de crença e assegura que o Estado protege as legítimas atividades religiosas, sempre que não estejam submetidas a controle do exterior. A política da "Frente única" (que depende do Partido) busca unir todas as forças da nação no único objetivo de relançar o País. Enquanto vai-se garantindo aos crentes das várias denominações a liberdade religiosa, são educados e são envolvidos no serviço ao bem comum da Pátria.

Existe um órgão do Estado para os assuntos religiosos preocupado também em reorganizar e orientar os grupos de crentes, apagar erros de um passado recente, reabrir lugares de culto, trabalhar pela paz, numa visão político-religiosa do Partido.

A fé cristã está certamente ainda viva com expressões de heroicidade e com silenciosa fecundidade.

Existe oficialmente uma "Associação Patriótica Católica" que administra todos os lugares públicos de culto e onde são celebrados os ritos sacramentais. Fazem-nos uma liturgia pré-conciliar, em latim: como pudemos constatar participando da missa e assistindo a cerimônia de um batizado.

Pudemos visitar cinco igrejas abertas ao público: três em Pequim (a catedral, a igreja do norte e a do este); uma em Cantão (a catedral) e uma em Shiu Chow (a de Sta. Teresa do Menino Jesus).

Breves conversas em latim com alguns sacerdotes responsáveis por aqueles lugares nos fizeram sentir irmãos na centralidade do mistério de Cristo, na importância de Maria para a história da salvação e na necessidade de saber comunicar cada vez melhor o Evangelho ao povo.

Em comunhão de esperança com a Igreja Universal

Cristo e Maria amam o povo chinês. Ele é chamado a ser povo de Deus, em comunhão com todas as pessoas redimidas. O Espírito do Senhor impulsionou e impulsiona a Igreja Universal a

proclamar na China a Boa-nova da Nova Aliança. Os ministros e os consagrados da Igreja Universal rezam, esperam e se oferecem para essa histórica missão, seguros de realizar um grande bem à humanidade e àquele país.

Paulo VI, fazendo alusão aos corajosos fiéis da China, afirmava comovido que neles “o nome de católico nada tira de sua lealdade e de seu amor à pátria: porque a pertença à Igreja, não que enfraquece, mas fortalece e afervora a relação dos cidadãos com o seu país, e os torna garantes e interessados em sua segurança, em sua paz e em seu verdadeiro progresso”¹⁷.

Tempos atrás, falando com o Cardeal Sin em Manilha (Filipinas) e com o Cardeal Kim em Seul (Coreia), percebi o forte interesse e o afeto eclesial destes dois arcebispos para com a fé cristã na vizinha China, a preocupação dele em acelerar os tempos e preparar mais mensageiros.

Conversando ainda com vários Superiores e Superioras Gerais senti uma espécie de predileção “chinesa” na orientação futura dos seus carismas.

O sucessor de Pedro olha com intenso amor à China pensando na responsabilidade que corresponde ao seu ministério, seguindo as palavras de Cristo: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos; estarei convosco todos os dias até o fim do mundo”¹⁸.

João Paulo II pensa nos irmãos e irmãs da China que sofreram pela fé. Escreveu uma carta em latim aos bispos do mundo convidando a rezar pela China¹⁹. Nela diz: os “corajosos testemunhos (dos nossos irmãos e irmãs na China) podem muito bem ser comparados aos dos cristãos dos primeiros séculos da Igreja. Como é consolador receber notícias da constante e destemida lealdade dos católicos na China à fé dos seus pais e da sua filial obediência à Sé de Pedro... Supliquemos que o Senhor mantenha sempre mais viva e alegre neles a esperança do renascimento, um dia, da sua Igreja e de um novo Pentecostes do Espírito, que faça reflorescer a mensagem de Jesus naquela querida terra”²⁰.

¹⁷ “Discurso no Colégio Urbano de Propaganda Fide”, 20 de outubro de 1963, *Insegnamenti di Paolo VI*, Tipografia Poliglota Vaticana, I, 1983, pp. 253-254.

¹⁸ *Mt* 28,19-20.

¹⁹ 6 de janeiro de 1982.

²⁰ *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Libreria Editrice Vaticana, V. 1, 1982, p. 183.

Falando aos participantes do congresso de estudos por ocasião do 4.º centenário do Pe. Mateus Ricci, na Universidade Gregoriana de Roma²¹, afirmava: “A Igreja (Universal), sensível aos valores espirituais de cada povo, não pode deixar de olhar para o povo chinês — o mais numeroso da terra — como a uma grande realidade unitária, centro de elevadas tradições e de fermentos vitais e, portanto, ao mesmo tempo, como a uma grande e prometedora esperança”²².

Por ocasião de uma gravação que uma equipe de televisão fazia para um programa destinado à China²³, João Paulo II exclamava: “A Igreja Católica olha a China como uma grande família, berço de nobres tradições e de energias vitais, enraizadas na antigüidade da sua história e cultura. A Igreja simpatiza com o trabalho de modernização e de progresso que o povo chinês busca. Era esta a atitude do célebre Pe. Mateus Ricci quando entrou em contato com a China.

Estou seguro que os chineses, que são discípulos de Jesus Cristo como foi Mateus Ricci, contribuirão para o bem comum do seu povo praticando as virtudes ensinadas pelo Evangelho e que são muito estimadas na tradição chinesa desde muitos séculos, como a justiça, a caridade, a moderação, a sabedoria e sentido de fidelidade e lealdade”²⁴.

Pois bem: a nossa Família Salesiana sente-se em plena sintonia com estes anseios eclesiais e a minha viagem quis contribuir para intensificar a consciência que o nosso “sentido de Igreja” comporta historicamente, hoje, com a abertura de orações, de iniciativas e de esperanças a favor do povo chinês.

Dom Bosco no testamento escrito com o próprio punho assim se expressou: “A seu tempo nossas missões irão à China e precisamente a Pequim. Mas não se esqueça de que nós vamos para os meninos pobres e abandonados. Lá, entre povos desconhecidos e ignorantes do verdadeiro Deus, ver-se-ão maravilhas não imaginadas até agora, mas que Deus todo-poderoso manifestará ao mundo”²⁵.

²¹ 25 de outubro de 1982.

²² *Ob. cit.*, V. 3, pp. 927-928.

²³ 24 de julho de 1985.

²⁴ *Ob. cit.*, Libreria Editrice Vaticana, VIII, 2, 1985, p. 168.

²⁵ *Testamento Spirituale*, ASC, 132, Taccuino 6; cf. MB 17, 273.

Numa conversa com o Pe. Artur Conelli em S. Benigno no mês de outubro de 1886, o nosso Pai falou do bem que teriam feito os seus filhos na China e acenou à capital Pequim, a um rio que passa perto e a uma ponte²⁶.

Poucos dias antes de sua morte, no dia 8 de janeiro de 1888, ele falava das futuras missões na China ao duque de Norfolk, ajoelhado junto ao leito²⁷.

O bem-aventurado D. Versiglia, que iniciara a presença salesiana na China²⁸, escrevia ao Pe. Albera no dia 12 de outubro de 1918: “O venerável nosso Pai Dom Bosco, quando sonhou com a China, viu dois cálices cheios de suor e de sangue dos seus filhos... Conceda o Senhor que eu possa entregar aos meus Superiores e à nossa Pia Sociedade o cálice que me foi oferecido, mas que seja repleto, se não com o meu sangue, pelo menos com o meu suor”²⁹.

Temos, portanto, como Congregação e como Família Salesiana, um compromisso eclesial aberto para o vasto horizonte chinês para onde olhar, rezar e trabalhar.

As perspectivas da nossa Inspetoria em Hong Kong

Concluindo a viagem pude, em Hong Kong e em Macau, falar com os irmãos (alguns vindos de Formosa) e com a Família Salesiana desta Inspetoria chinesa. Vi em seus olhos gratidão, alegria e atenciosa responsabilidade. As datas de 1997 e 1999 em que as duas cidades, hoje administradas respectivamente pela Inglaterra e por Portugal, passarão definitivamente ao Estado da China continental, podem se apresentar como uma providencial perspectiva de compromisso.

Terminamos o significativo encontro com uma bonita e vivida celebração eucarística na oitava da Assunção quando a liturgia celebra a memória de Nossa Senhora Rainha: “A Imaculada Virgem — diz o Concílio — terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. E para que mais plenamente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores e ven-

²⁶ Cf. GUIDO BOSIO, *Martiri in Cina*, LDC, Torino, 1977, p. 7.

²⁷ Cf. MB 18, 513.

²⁸ 1906.

²⁹ *Lettere a dom Paolo Albera*, ASC 9,3, Versiglia.

cedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo”³⁰.

Esta realza torna Maria a grande Auxiliadora dos povos e a Mãe da Igreja ao longo dos séculos.

Meditamos juntos os esperançosos conteúdos do “Magnificat” e a silenciosa mas irrefreável força do Espírito Santo, enquanto pensávamos animados que a Inspetoria de Hong Kong, todo o povo chinês e em particular a sua juventude, a grande capital Pequim, todos, estão confiados precisamente a Nossa Senhora Auxiliadora.

Foi-se intensificando em nossos corações, num clima de esperança, a convicção da estratégica importância desta Inspetoria, da sua longa história de suor e de sangue, da extraordinária atualidade de sua missão como resposta aos desejos salesianos no mundo.

Alguém, naquela ocasião, rezou para que o povo chinês comece, pouco a pouco, a se sentir “protagonista”, no advento do terceiro milênio do Cristianismo.

D. Versiglia e o Pe. Caravário encorajem e guiam do céu os irmãos e os grupos da Família Salesiana desta Inspetoria; intercedam eficazmente por eles e por todo o povo chinês.

A importância da “paixão” para a ação apostólica

Escrevo-lhes esta carta no dia em que comemoramos o martírio de um dos Doze, S. Bartolomeu, que, com outros membros do Colégio Apostólico, afirma-se tenha anunciado o Evangelho na Ásia.

É misterioso o silêncio que cobriu o testemunho e a missão dos vários Apóstolos; certamente, porém, influíram e mais ainda irão influir, como colunas da Igreja, para o bem de numerosos povos daquele vasto continente.

Lendo no Ofício das Horas a segunda leitura do dia tirada das homilias de S. João Crisóstomo sobre a Primeira Carta aos Coríntios, impressionou-me a seguinte reflexão: a cruz exerce a sua força de atração sobre a terra toda. “Tudo o que, pela graça de Deus, souberam realizar aqueles publicanos e pescadores, os filó-

³⁰ Lumen Gentium 59.

sofos, os reis, numa palavra, todo o mundo perscrutando inúmeras coisas, nem mesmo imaginar puderam. Pensando nisto, Paulo dizia: 'O que é fraqueza de Deus é mais forte que todos os homens'³¹. Com isso prova-se a pregação divina. Quando é que se pensou: doze homens sem instrução, morando em lagos, rios e desertos, pudessem se lançar a tão grande empresa?"³².

O martírio exerce a sua força de atração sempre; estimula-nos a considerar mais ainda e em profundidade, a indispensável e suprema presença da "paixão" em todo testemunho cristão e, em particular, no estilo pastoral do carisma salesiano.

Convido-vos a reler, queridos irmãos, a circular sobre o "Martírio e paixão no espírito apostólico de Dom Bosco" que escrevi a 24 de fevereiro de 1983³³.

Portanto, nada de desânimo ou deixar o barco correr: estamos com Deus e trabalhamos para Ele. Não devemos ter medo de acrescentar quando soar a hora da Providência um outro campo ainda mais envolvente, o Projeto China. Por enquanto, temos uma Inspeção com vários grupos da Família Salesiana, que sente-se comprometida: ela já está evangelizando, prepara e espera. Sentimo-nos unidos aos irmãos desta Inspeção com profunda admiração e fraterna solidariedade e, enquanto rezamos, nos preparamos para colaborar.

Conclusão

Queridos irmãos, esta minha viagem significativa quis ser também uma contribuição para intensificar o nosso "espírito salesiano" para as celebrações de 88.

Quando no próximo dia 14 de maio todos os irmãos renovaremos solenemente a Profissão religiosa, faço votos que esteja no coração de cada um o mesmo clima de esperança e de ardor apostólico que havia no coração de Dom Bosco e no dos vinte e dois jovens professores em 14 de maio de 1862: a situação social não era favorável, o entusiasmo nacionalista esvaziava os seminários, o Estado expulsava os religiosos, o Papa era considerado um soberano temporal inimigo, a opinião pública sobre as Ordens

³¹ 1Cor 1,25.

³² Hom. 4,3-4; PG 61.34-36.

³³ ACG 308, pp. 3-21.

religiosas (“os frades”) era geralmente negativa, no entanto aquelas vinte e dois jovens sonhavam com Dom Bosco um grande futuro e se comprometeram evangelicamente a ficar sempre com ele.

“Meus queridos — disse-lhes o nosso Pai naquele inesquecível dia —, vivemos em tempos difíceis e parece quase uma presunção querer iniciar uma nova comunidade religiosa, enquanto o mundo e o inferno com todas as forças procuram arrancar da terra aquelas que já existem. Mas não importa; eu não tenho só prováveis, mas seguros argumentos ser vontade de Deus que a nossa Sociedade comece e vá em frente... Quem sabe o Senhor não queira servir-se dela para realizar um grande bem em sua Igreja!... Coragem! Trabalhem com o coração; Deus saberá nos pagar como um bom patrão. A eternidade será suficientemente longa para descansar.”³⁴

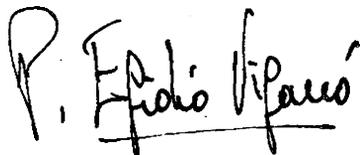
Num clima de intensidade “mística” o sábado dia 14 de maio de 1988 tornar-se-á o dia mais significativo nas celebrações centenárias do nosso Santo Fundador: estaremos todos radicalmente comprometidos num juramento de fidelidade ao seu espírito e de ativo testemunho de consagração apostólica.

E as dificuldades? Para as dificuldades temos a Auxiliadora, que é a Virgem dos tempos difíceis.

Também de Pequim chega-nos um forte convite a renovar para 88 a caridade pastoral do “da mihi animas”.

A todos vocês, queridos irmãos, as minhas mais cordiais saudações.

Af.mo no Senhor

A handwritten signature in black ink, reading "P. Eudário Viana". The signature is written in a cursive style with a large initial "P." and a horizontal line underlining the name.

³⁴ MB 7, 163-164.

**ATO DE ENTREGA DA JUVENTUDE CHINESA
A NOSSA SENHORA AUXILIADORA**

Ó bem-aventurada Virgem Maria,
Mãe da Igreja e Auxiliadora de todos os povos,
especial Padroeira de Pequim,
nós Salesianos de Dom Bosco,
que viemos em romaria a esta capital da China,
na solenidade da tua Assunção ao céu,
CONFIAMOS A TI
as esperanças e as fadigas deste imenso povo
que busca a verdade e ama a paz.

Colocamos sob o teu olhar materno
a juventude que floresce
pelas várias regiões desta Pátria laboriosa
enquanto pensamos com alegria na promessa feita a Dom Bosco
de fazer crescer aqui o seu carisma
para o bem do povo e dos jovens.

Intercede pelos anunciadores do Evangelho
e suplica ao Espírito do Senhor
para que o seu poder
abra os horizontes dos corações à sua mensagem.
Tu, que acreditaste
e glorificaste as grandes coisas feitas por Deus,
obtém que a resposta de fé da juventude chinesa
possa iluminar o mundo
como o sol que nasce do Oriente!

Pequim, 15 de agosto de 1987.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. A FORMAÇÃO DO SALESIANO LEIGO: UMA CONSCIÊNCIA E UM COMPROMISSO QUE CRESCEM

(De uma análise dos Capítulos e dos Diretórios inspetoriais)

Pe. Paulo NATALI

Conselheiro geral para a Formação

1. Um período de maior concretização: dos textos à vida

O CG22 concluiu um longo período de reflexão, de revisão e reformulação da experiência carismática salesiana. Começara desde o Concílio Vaticano II. Agora a Congregação sente mais do que nunca a necessidade de traduzir os textos em sua vida concreta, unindo entre si clareza de critérios, realismo e criatividade. Afirmava-o explicitamente o Reitor-Mor apresentando o texto renovado da nossa Regra de Vida: “Encerrado o período pós-conciliar de pesquisa e esclarecimento, começa nestes anos, na vida dos Institutos religiosos, uma etapa que deveria se caracterizar pelo esforço de atuação e de aplicação prática. Com as Constituições e os Regulamentos renovados, abre-se para a Congregação um período de maior concreteza” (ACG 312, p. 41, trad. port.).

Passaram-se três anos da conclusão do Capítulo Geral 22. Parece oportuna portanto uma parada para medir se e como esta exigência de operacionalidade tenha sido executada na programação e nas iniciativas. Tentaremos uma avaliação considerando o compromisso formativo pensado e realizado pelas Inspeorias para com os irmãos leigos. São vários os índices e diferentes em número e intensidade. De preferência seguiremos o exame dos Capítulos inspetoriais na metade deste sexênio e dos Diretórios por eles elaborados.

2. O "componente laical": tema aprofundado e aberto

2.1. Os últimos dez anos

Nos últimos dez anos, sob o impulso de sensibilidade e mentalidade renovadas e movidos pela necessidade de uma situação muitas vezes crítica e preocupante, muito se refletiu e muito foi escrito sobre o salesiano leigo, sobre a sua identidade, sobre a essencial correlatividade com o salesiano presbítero, sobre a dimensão laical da Congregação e da sua missão. Não é nossa intenção retomar estes conteúdos e nem sintetizar o que já foi aprofundado, afirmado e estabelecido. Nosso objetivo limita-se a considerar o que as Inspetorias fazem ou pretendem fazer para a formação do salesiano coadjutor, também se a colocação do problema e as soluções que são propostas, veremos melhor, dependem em grande parte de uma certa sensibilidade e consciência vocacional.

Lembremos antes de mais nada as orientações do CG22 e sublinharemos algumas idéias constantes que aparecem dos CI para oferecer uma visão concreta da situação e favorecer um compromisso sempre mais esclarecido e permanente. Deseja-se desta maneira estimular as iniciativas e contribuir também na superação de uma certa forma de mal-estar que se experimenta sempre quando o problema existe, é sentido e não se vê facilmente onde pisar para resolvê-lo.

2.2. O CG22: um compromisso de resposta a uma situação preocupante

Uma das poucas orientações operacionais do CG22 fala do "componente laical". É um fato que manifesta a urgência e a importância atribuída a este aspecto da realidade salesiana. No Capítulo fora apontado um único objetivo: o de preparar o texto definitivo das Constituições e dos Regulamentos para a sua aprovação. Portanto não podia haver uma orientação clara e fundamental: o conhecimento, a assimilação e a prática da nossa Regra de Vida.

No entanto a Assembléia, movida e quase desafiada pela avaliação feita pelo Reitor-Mor, quis comprometer explicitamente todos os irmãos e cada Inspetoria nesta perspectiva.

De acordo com a relação do Reitor-Mor, duas eram as linhas que caracterizavam a situação em nível mundial: uma de progresso, a outra de preocupação. “Na Congregação, afirmava, progrediu-se na reflexão; houve iniciativas concretas com êxito parcialmente positivo; melhorou-se a pastoral vocacional com relação ao salesiano coadjutor; asseguraram-se as bases para mais adequada formação específica”. Permanecem, porém, abertos, continuava, alguns graves problemas: como, à primeira vista, o problema “numérico-vocacional”; mas, também, e mais profundamente, uma certa insensibilidade e um critério não correto na compreensão deste aspecto próprio da identidade salesiana, vinculado à peculiar conformação das nossas comunidades e à realização da sua missão.

A Assembléia reagiu a estas indicações. Dedicou especial atenção a elas na elaboração do texto constitucional e apresentou uma *orientação operacional*:

— deveríamos aprofundar, “nos vários níveis, a riqueza da identidade vocacional do salesiano leigo e o seu significado essencial para a vida e a missão da Congregação, aproveitando a reflexão que se está fazendo na Igreja”;

— no contexto da pastoral vocacional, as Inspetorias deveriam “sentir a urgência e intensificar as iniciativas a favor da vocação laical salesiana”;

— deveríamos favorecer maior inserção do salesiano coadjutor nas estruturas de responsabilidade comunitária nos vários níveis¹.

A formação aparecia estritamente unida a esta orientação operacional e constituía aliás a maneira mais direta e eficaz de colocá-la em prática.

3. O compromisso formativo das Inspetorias nos Capítulos e Diretórios

Aproximamo-nos das Inspetorias de maneira indireta. Faremos isso através da leitura dos documentos conclusivos dos Capítulos inspetoriais e a análise dos seus Diretórios. Neste contexto

¹ Para compreender adequadamente o significado e a importância desta orientação e para não reduzi-la a algumas “coisas a serem feitas”, é bom apresentá-la no contexto do discurso conclusivo do Reitor-Mor ao Capítulo (cf. “A originalidade da figura do salesiano”, CG22 nn. 79-86).

assume a sua devida importância o tema da formação do salesiano leigo, vista na perspectiva global da formação mesma e da vida salesiana; percebe-se às vezes, mais uma linha de propósitos (do “dever ser” e do “dever fazer”) do que uma linha operacional concreta já em ato ou realizada. É necessário, por outro lado, não esquecer a grande diversidade de situações vocacionais e formativas que compõe a realidade salesiana mundial.

3.1. *Algumas constatações gerais*

- Uma consciência mais sensível

Constata-se, antes de mais nada, um crescimento da consciência comunitária neste compromisso. A maior parte dos Capítulos e dos Diretórios trata com suficiente amplitude do salesiano coadjutor e quase sempre é sublinhado o problema da pastoral vocacional e da formação.

- A FSDB, ponto de referência comum: alguns aspectos

As Inspetorias assumem o que a FSDB apresenta em suas linhas essenciais e comuns. Nesta perspectiva orgânica e global os aspectos mais sublinhados são:

— uma formação espiritual que leve o irmão a ser um “homem de Deus” educador da fé no meio dos jovens e do povo, seguindo uma maneira complementar à do salesiano presbítero;

— uma formação apostólica que sensibilize para o mundo do trabalho e atente à dimensão missionária;

— uma formação intelectual que seguindo um roteiro comum responda à expressão desta característica dimensão vocacional.

A insistência sobre os vários aspectos é determinada pelas exigências da vida e da missão salesiana “no lugar” e pelo número, as atitudes e a disponibilidade dos sujeitos.

- Todos co-responsáveis

Os Diretórios descrevem a formação do salesiano coadjutor como uma tarefa específica, que deve porém contar com a sensibilidade, mentalidade e responsabilidade de cada irmão. Também

neste caso estabelecem uma estreita relação entre formação inicial e formação permanente. E julgam úteis aquelas iniciativas que apresentam a figura do salesiano coadjutor, o seu significado e a sua necessidade; aqueles contatos sistemáticos durante todo o período da formação inicial, quando o conhecimento e a compreensão se tornam mais imediatos e profundos; o dia anual local, inspetorial, interinspetorial para refletir sobre algum ponto da sua vocação e missão.

3.2. *O itinerário formativo*

A atenção e os esforços das Inspetorias concentram-se em dois momentos característicos e importantes do itinerário formativo: o imediato pós-noviciado e o pós-tirocínio. Sem exclusivismo, no primeiro acentuam, como objetivo próprio, a dimensão e a capacidade educativa da laicidade consagrada (cf. FSDB 338); no segundo, a dimensão pastoral e a especialização profissional.

No pré-noviciado, que em todos os lugares é feito em comum, e no noviciado, tempo da primeira experiência da vida religiosa salesiana, lembra-se a conveniência de criar momentos de encontro característicos e reflexões oportunamente específicas.

Sobre o tirocínio insiste-se sobre o seu caráter formativo: é uma fase que deve garantir as condições para continuar a experiência dos valores vocacionais na educação dos jovens.

Com relação à formação permanente aplica-se ao salesiano coadjutor o que as Constituições e os Regulamentos exigem para cada salesiano.

• O imediato pós-noviciado

É a fase mais abundantemente descrita nos Diretórios e ao redor da qual trabalha-se mais. É também aquela que expressa a normativa mais ampla e mais variada. Considera de fato as peculiaridades culturais e as possibilidades formativas no contexto da própria Inspetoria.

Nossos documentos pedem aos órgãos competentes a elaboração de “um currículo formativo sério, mas flexível e adaptado, seja à natureza própria das diferentes tarefas, seja às possibilidades concretas dos candidatos” (FSDB 410). Este tipo de traba-

lho, seguindo estas orientações, foi feito em todos os lugares. Em algumas Inspetorias deixou-se à Comissão inspetorial para a formação ou a outros órgãos a tarefa de acompanhar concretamente as possibilidades e o desenvolvimento de cada jovem salesiano leigo.

O *tempo de duração* varia. O mínimo prescrito de dois anos (cf. Reg. 95; FSDB 395) em alguns casos foi aumentado para três ou foi imediatamente seguido por alguns anos de qualificação superior acadêmica ou técnica.

A *comunidade* em sua grande maioria é a mesma dos candidatos ao sacerdócio (cf. FSDB 397). O diretor e os formadores são chamados a ter uma atenção e um cuidado especiais com a identidade vocacional do jovem leigo nas relações pessoais que mantém com ele, nos vários encontros e numa direção espiritual apropriada. Está em jogo a dimensão laical da formação espiritual do religioso salesiano. Deve ser uma formação “que ajude o salesiano coadjutor a compreender a originalidade própria da nossa Sociedade” (cf. E. Viganó, ACS 298, p. 44) e a vivê-la como membro portador de valores complementares e insubstituíveis.

A *formação intelectual* é um dos aspectos mais característicos e problemáticos. De fato, no aspecto dos estudos se apresentam duas séries de problemas resolvidos de maneira diferente:

— a primeira é a do nível dos estudos e dos títulos correspondentes a que se chega ao pós-noviciado. É o ponto de partida para o currículo seguinte;

— a segunda é constituída pelas relações entre preparação filosófica, pedagógica, catequética e formação técnico-profissional (cf. FSDB 409). Em alguns casos andam juntas com oportunas dosagens; em outros, primeiro se faz uma e depois outra; em outros, ainda, no pós-noviciado se faz só a primeira, deixando a segunda para depois do tirocínio; em outros, finalmente, se escolhe como alternativa um ou outro tipo de preparação fundamental.

O tipo de solução adotado determina a relação com os cursos seguidos pelos candidatos ao sacerdócio. Assim, por exemplo, muitas vezes os jovens salesianos leigos participam de cursos juntamente com outros pós-noviços e tem alguns pontos particulares para eles. Vive-se a vida comunitária, mas para os estudos seguem-se ciclos diferentes. Na mesma comunidade acontecem também casos de salesianos leigos que seguem currículos “personalizados”, adaptados às suas exigências e capacidades.

É evidente nos formadores o trabalho de exigir e manter a seriedade também no contexto da necessária flexibilidade e pluri-formidade dos currículos. Trata-se ainda, apesar das dificuldades consideráveis, de integrar num primeiro nível fundamental de vida religiosa os elementos lembrados neste artigo e na carta citada do Reitor-Mor (cf. ACS 298, p. 45).

A preparação, a realização e a avaliação comunitária das experiências pastorais ajudarão esta assimilação e a sensibilidade própria do componente laical será muito enriquecedora para a vida da comunidade formadora.

- O pós-tirocínio

Muitos CI fazem notar que se trata de uma fase ainda totalmente ou quase a ser experimentada.

Citando os documentos (sobretudo Const. 116, Reg. 98 e FSDB 453-456, 474-476, 542-544) afirmam que, de alguma maneira, deve ser dada a possibilidade a todos os salesianos leigos “na fase que após o tirocínio completa a sua formação inicial... de adquirir séria formação teológica, pedagógica e salesiana, adequada ao nível cultural alcançado” (Reg. 98).

Em algumas Inspetorias estabeleceu-se um primeiro período formativo fixo de dois ou três anos ou com duração variável de acordo com o currículo escolhido. Os irmãos comprometidos nesta fase moram numa comunidade formadora ou em outras em que se apresentam as condições para serem acompanhados de maneira adequada.

Os conteúdos deste tempo de formação específica (que não se limita só à “especialização”!) variam muito de lugar a lugar e também de pessoa a pessoa e devem em todo caso assegurar primariamente o desenvolvimento da dimensão e capacidade pastoral do jovem irmão.

4. Alguns aspectos

Tendo como base uma consciência e um compromisso que estão crescendo, deixando a cada comunidade a tarefa de avaliar a si mesma, concluímos acenando para algumas linhas de orientação.

4.1. *Expressar um compromisso que envolva toda a formação, inicial e permanente, e de todos*

Referimo-nos mais à formação inicial do salesiano leigo, mas não se deve esquecer que esta problemática interessa o conjunto de toda a formação, inicial e permanente, de todos, e nela só encontra resposta. Afirmava-o o Reitor-Mor em sua carta já citada: “Quero ainda insistir, antes de concluir, sobre o compromisso da formação. Depois de tudo o que falamos não se pode dizer só dos jovens coadjuutores, mas de todos os irmãos, também padres e clérigos, no conjunto de toda a formação, seja inicial, seja permanente. Sem um extraordinário envolvimento na formação, não acredito que se possam alcançar mudanças radicais em breve tempo. Mas se a formação for endereçada numa maneira verdadeiramente renovada, sobretudo para as jovens gerações, o futuro será certamente promissor” (ACS 298, p. 42). É importante continuar a trabalhar neste campo para a renovação das sensibilidades, das atitudes e dos critérios de vida e ação salesiana.

4.2. *Programar organicamente de maneira flexível e adaptada*

São dois critérios a serem harmonizados constantemente: a organicidade e a flexibilidade do currículo formativo. Exige-o a obrigação de assegurar “as condições para uma válida experiência” (Const. 104) e as considerações sobre a diversidade das situações não só pessoais, mas também com relação ao número das vocações, possibilidades de estruturas e serviços formativos².

4.3. *Fazer logo o possível: concreteza e operacionalidade*

“Entramos num período de maior concreteza”, dizíamos no início destas considerações. “As Inspetorias, afirma o CG22, sentem a urgência de intensificar as iniciativas em favor da vocação

² Retomamos o que afirma a este propósito a FSDB: “Embora tendo em conta o art. 106 das Constituições, existe de fato uma pluriformidade de possibilidades sob a única denominação de salesiano leigo. Esta diversidade exige uma consideração particular. Pensemos portanto, em nível inspetorial e interinspetorial, num “currículo formativo sério, mas flexível e adaptado, seja à natureza própria das diferentes tarefas, seja às possibilidades concretas dos candidatos” (FSDB 410).

laical salesiana” (CG22, 9). A FSDB, por sua vez, determina as tarefas de cada Inspeção com relação à formação do salesiano leigo (cf. FSDB 408.474).

Não é certamente a atitude mais fácil quando existem tantos outros problemas urgentes; quando a resposta vocacional é pouca ou quase nenhuma e o número dos formandos pequeno; quando instituir um serviço ou uma estrutura formativa supõe reabrir um caminho fechado há muito tempo, aceitando o desafio dos primeiros passos, às vezes incertos e nem sempre com sucesso garantido; quando podemos estar diante da indiferença e da insensibilidade de muitos. Mas é importante decidir-se e agir concretamente. Se não podemos trabalhar imediatamente com a mesma intensidade em todas as frentes (pastoral vocacional, formação inicial e permanente) semearmos num campo por vez, com perseverança, mas com esperança e “juntos”.

4.4. *Convencer-se sobre a necessidade da colaboração interinspetorial*

Por motivos bastante evidentes a FSDB, quando fala do pós-noviciado (FSDB 412) e da formação específica do salesiano leigo (FSDB 475), insiste sobre a conveniência e, em alguns casos, sobre a necessidade da colaboração interinspetorial. “Esta fase, pela sua complexidade e delicadeza, requer um conjunto de condições que não podem ser facilmente garantidas em todas as inspeções. É necessário, em mais de uma situação, que as inspeções, especialmente se do mesmo ambiente cultural, colaborem para dar vida a estruturas formativas interinspetoriais” (FSDB 412).

Concluindo, temos a impressão motivada que os CI e os seus Diretórios, e portanto as pessoas que os viveram e os compuseram, revelam a mentalidade de quem verdadeiramente compreendeu e quer demonstrar com os fatos a grande consideração e o grande amor que Dom Bosco tinha pelos salesianos coadjutores. Eles mesmos, em primeiro lugar, hoje, devem estar convencidos e reagir criativamente colaborando para melhorar as estruturas e os conteúdos da sua formação. Será um bem para toda a Congregação, antes ainda que para si mesmos. Reviver hoje por parte de todo este compromisso quer dizer fazer reviver o Espírito de Dom Bosco e recriar, no seu ano centenário, um projeto de comunidade salesiana mais fiel ao seu plano e portanto mais autêntica e fecunda.

2.2. ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

Pe. Luc VAN LOOY

Conselheiro geral para as Missões

Quem olha para o Terceiro Mundo e para as missões descobre grande riqueza de humanidade e de fé. Por um lado o conhecimento do mundo missionário dá a oportunidade de entrar em contato com povos novos, de apreciar e trocar riquezas culturais e religiosas de povos e situações diferentes. A ótica missionária é o primeiro passo para uma visão universal, um compromisso generoso e sem reservas para quem está em maiores necessidades.

Por outro lado a sensibilidade missionária descortina horizontes de fé e faz descobrir na Igreja o impulso apostólico dado por Jesus e continuado até hoje pelos seus apóstolos. Ela se traduz, desta maneira, num concreto compromisso de evangelização.

A maturidade de uma Inspeção salesiana, como de uma comunidade religiosa ou cristã, pode-se medir pelo seu grau de consciência e de integração na própria realidade pastoral desta orientação fundamental, que é a capacidade de “anunciar o Evangelho aos povos que não o conhecem” (Const. 6). Na verdade, a capacidade, típica do espírito missionário, de conhecer experiências diferentes, de se abrir a mentalidades novas e a horizontes mais amplos, leva a uma caridade evangélica mais intensa e a uma humanidade mais perfeita. Não somente a nível pessoal, mas nas comunidades religiosas, nos grupos, entre os agentes de educação e de pastoral, em todas as obras (oratórios, escolas, paróquias...), na animação dos vários setores da Inspeção, o olhar missionário é expressão de cristianismo vivido, de compromisso evangelizador, de co-responsabilidade na Igreja.

Em nível de Igreja, de Congregação e de Família Salesiana a importância da “missionariedade” está expressa claramente em alguns textos que queremos lembrar:

— “Evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14). Não está limitada a algum povo, região, mentalidade, tempo ou cultura. É portanto elemento fundamental da atividade da Igreja.

— “Os povos ainda não evangelizados foram objeto especial dos cuidados e do ardor apostólico de Dom Bosco. Eles continuam a solicitar e a manter o nosso zelo; reconhecemos no trabalho missionário um traço essencial da nossa Congregação” (Const. 30). Esta orientação vive-se não somente mandando missionários para terras longínquas, mas também dando a tonalidade da evangelização em todas as atividades, convidando os destinatários a participar desta tarefa na Igreja.

— “Os Cooperadores... dedicam-se... a favorecer a atividade missionária nos povos ainda não evangelizados e nas jovens igrejas” (Regulamento de vida apostólica 13,2). São assim indicadas também à Família Salesiana as missões como lugar privilegiado de ação.

VALORES EDUCATIVOS E PASTORAIS DA ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

O compromisso missionário qualifica o nosso trabalho educativo-pastoral. Cria sensibilidade profundamente humana e cristã, e ajuda os destinatários a se tornarem eles mesmos educadores e evangelizadores.

Queremos considerar alguns aspectos da animação missionária exatamente sob este ponto de vista.

1. Valores pastorais

1.1. *O compromisso de anunciar a mensagem de Cristo*

As fronteiras da evangelização hoje podem ser apontadas em duas direções: as regiões onde existem *comunidades de crentes* que vivem os valores cristãos e os anunciam; e as *regiões de fronteira*, onde a primeira evangelização leva os povos a conhecer a pessoa de Cristo e os valores do Evangelho.

Nós pensamos, aqui, em primeiro lugar, nas comunidades dos fiéis nas quais queremos promover um sentido de co-responsabilidade no anúncio e sensibilidade da missão universal da Igreja. Isto reforça as capacidades humanas e evangélicas no ambiente sócio-eclesial e faz crescer o compromisso de trabalho entre os jovens e entre o povo. Desenvolvendo de fato a participação concreta na evangelização, faz crescer nos indivíduos e nos grupos a

consciência de serem chamados por Cristo; leva-se, através desta “escola de evangelização”, a acolher com maior seriedade e radicalidade o seu mandato.

1.2. *Evangelizar as culturas*

O compromisso missionário comporta que o anúncio da mensagem não se limite ao ambiente do fiel, mas “importa evangelizar... de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a cultura e as culturas do homem” (cf. EN 20).

O Evangelho penetra todas as culturas, e não pode ser proclamado sem ter em conta as culturas. É portanto indispensável para quem, como cristão, participa da pastoral da Igreja, ser capaz de unir as culturas com a religião, o Evangelho com a cultura.

1.3. *A promoção do homem*

A evangelização dos povos tem uma expressão concreta em ouvir as necessidades de todos e em criar as condições necessárias para uma vida humanamente digna. A animação missionária na Igreja sempre se distinguiu pela grande atenção às necessidades dos homens. Com informações, projetos, coletas, compromissos concretos, os grupos se dedicam a aliviar os sofrimentos dos povos e convidam à generosidade para o maior bem de todos. Este aspecto de “obras de caridade”, não só traz vantagens para quem recebe as ajudas materiais, mas demonstra o interesse voltado à pessoa humana, e cria nos ambientes onde estas atividades são desenvolvidas simpatia para com a mensagem cristã. Torna-se um sinal concreto de caridade pastoral.

2. **Valores educativos**

A animação missionária salesiana encontra seu lugar de maneira particular no contexto educativo. É uma escola para tornar nossos jovens cristãos comprometidos e homens interessados no bem dos demais. Nas diferentes dimensões da pastoral salesiana a sensibilidade missionária é um meio privilegiado para reforçar certos valores, que queremos estejam presentes no processo educativo. Aqui acentuaremos somente alguns destes valores.

2.1. A educação à pobreza

O espírito de pobreza “caracteriza o Evangelho de Cristo”, escreve Paulo VI na Encíclica *Ecclesiam Suam* (cf. n. 57), assim como ele é “deixado de lado pela valorização dos bens na mentalidade moderna” (cf. n. 56).

É esta talvez uma das metas mais importantes e concretas da animação missionária feita em estilo salesiano. Através de um conhecimento mais exato da realidade de tantos povos e de tantos jovens, nossos destinatários podem participar do sofrimento de muitos, vivendo em si mesmos o desejo de partilhar e ajudar os irmãos, tanto quanto possível. Na experiência associativa, de maneira toda particular, existem oportunidades para concretizar este espírito de solidariedade.

O espírito de solidariedade e a generosidade levam depois os jovens a uma livre escolha de vida pobre, tornando-os assim mais livres e capazes eles mesmos de promover um estilo de vida conforme ao Evangelho “que ajuda os jovens a superar o instinto da posse egoísta e os abre ao sentido cristão da partilha” (cf. Const. 73).

2.2. A educação ao diálogo

Um dos aspectos típicos das missões no nosso tempo é a abertura às culturas, às religiões e a todos os grupos humanos. No contexto da educação, uma adequada animação missionária desenvolve a capacidade de diálogo, através do contato com as Igrejas do Terceiro Mundo, no vasto campo missionário da Igreja. O contato com as diferentes culturas e as várias expressões de religiosidade ajuda os nossos destinatários a descobrir aspectos novos, até agora desconhecidos, e a ficarem abertos, numa atitude de escuta e com o estímulo de aprender. Como escreve o decreto *Ad Gentes*, o contato com as missões nos faz “ouvir os desejos, as experiências, as angústias e as esperanças” (cf. AG 3).

A educação ao diálogo, que está unida ao verdadeiro espírito missionário, ensina a ter em conta outras visões e outras interpretações da mesma humanidade, faz descobrir que as mesmas prioridades sócio-culturais podem ser diferentes nos vários povos.

O diálogo entre culturas e religiões forma a base de uma humanidade capaz de integrar todos e amar cada um sem limites.

2.3. Educação à justiça

Entrando em diálogo com os povos, os jovens tomam consciência que a humanidade tem ainda um longo caminho a cumprir, para chegar à plena realização do plano divino. A justa distribuição dos bens, o reconhecimento de todo homem sem distinção de raças ou tribos, a colaboração desinteressada entre as pessoas, grupos sociais e nações, a administração do poder e o domínio da produção e das matérias-primas... são aspectos fundamentais que fazem ver que a felicidade e a harmonia dependem não só de cada indivíduo, mas também das condições de caráter estrutural e organizado. Nestes aspectos observa-se como o caminho em direção à justiça é ainda longo. A sensibilização e a conscientização dos jovens neste campo os leva a ver a realidade com objetividade e a buscar os caminhos da colaboração, descobrindo que não estão no individualismo, no egoísmo ou no consumismo para vencer os males do "século". A visão mais ampla e completa do mundo, favorecida pela abertura missionária, desenvolve um grande sentido de justiça e ajuda a escolher o "verdadeiro" e o "bem" para si e para os outros.

2.4. A educação à ação

O fato de ver, sentir, tomar consciência das várias situações é um forte convite ao compromisso para oferecer uma contribuição eficaz ao verdadeiro progresso da humanidade.

Um jovem que entra nesta perspectiva, individualmente ou em grupo, sente-se "chamado" e nasce nele uma opção que orienta sua vida. Essa opção não se coloca paralelamente à fé, mas está inserida no caminho de fé, que lhe dá força e solidez.

A participação nas necessidades de um povo interpela a pessoa em sua capacidade de "doar" e faz ver o sentido concreto da ordem missionária dada por Cristo.

O aspecto missionário torna-se, desta maneira, uma orientação *vocacional*, que fermenta toda a ação educativa, estimulando vários mecanismos para realizar o projeto de vida. Esta tarefa encontrará uma expressão concreta numa variedade de atividades e de contribuições, tanto em nível pessoal como comunitário.

Para concluir estas rápidas indicações sobre os valores educativos da missionariedade, é oportuno acenar ainda a dois elemen-

tos importantes, que ajudam a levar adiante o processo formativo neste setor.

a) A animação missionária tem uma natureza *comunitária*. Isto é, desenvolve-se em grupo, requer uma preparação, um acompanhamento e uma avaliação por parte do grupo. A sensibilidade missionária é um caminho ideal para formar uma verdadeira comunidade cristã, exatamente pelo fato que a evangelização se preocupa primordialmente com a formação de autênticas comunidades cristãs.

b) A *interiorização* dos conhecimentos e das experiências, do diálogo com os povos ou com as novas situações, faz amadurecer a pessoa na fé. A missionariedade não se limita a uma animação superficial ou exterior, mas através de formas de reflexão e de oração, talvez conhecidas através de povos apenas familiarizados, através de uma justa leitura da Bíblia, mediante as celebrações e a vida litúrgica, o espírito missionário encontra uma expressão profunda e interior.

É tarefa do educador-pastor acompanhar os jovens neste nível de plenitude da animação missionária.

3. Papel da animação missionária no contexto educativo-pastoral salesiano

Entre os jovens e os grupos da Família Salesiana cresce a sensibilidade missionária, graças também ao trabalho desenvolvido pela Congregação na África. Mas às vezes tem-se a impressão que este entusiasmo não está numa linha de prioridade no plano pastoral de uma comunidade ou de uma Inspeção. Parece, às vezes, que se trata de uma coisa ocasional, que depende de um ou outro salesiano; parece até, em algumas ocasiões, que é visto como bom só para os "pequenos" dos nossos destinatários.

É este, no entanto, um aspecto *indispensável* da vida e da pastoral salesiana. Não se pode separar a animação missionária da globalidade da animação pastoral da Inspeção ou da obra salesiana, para considerá-lo quase como um "setor separado", com uma estrutura diferente das outras. O compromisso missionário deve ser visto, sim, como uma inspiração, uma perspectiva que enriquece todas as dimensões pastorais da realidade educativo-pastoral e todos os setores da vida salesiana.

Tanto na Inspetoria como na comunidade religiosa e também na comunidade educativo-pastoral deve-se procurar a maneira de integrar como linha essencial esta ação missionária. Como afirmam as nossas Constituições, “mobiliza todos os compromissos educativos e pastorais próprios do nosso carisma” (Const. 30).

ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA NA INSPETORIA

1. Elemento presente nos vários setores da vida salesiana

Resultado daquilo que se falou, a animação missionária faz parte da dimensão essencial do contexto educativo-pastoral. Está presente em todos os setores da vida do salesiano e da obra educativa e leva os jovens a um nível mais consciente na prática da vida humana e cristã.

Vamos sublinhar alguns pontos que merecem grande atenção.

1.1. *A animação missionária faz parte da pastoral juvenil.* Portanto o aspecto missionário deve estar presente no oratório, na escola, nas associações, na paróquia etc., como sensibilidade e dimensão necessárias do projeto, e não simplesmente como organização desvinculada do resto das atividades.

1.2. *A animação missionária traz consigo um “convite vocacional”* muito forte. Encontra-se portanto presente como componente fundamental da pastoral vocacional na Inspetoria e nas várias obras.

1.3. *A formação inicial* deve levar o jovem salesiano a ter uma visão eclesial e a conduzi-lo para adquirir uma dimensão universal própria da Congregação. Ao longo deste período formativo o sentido de Igreja se desenvolve não somente através de particulares iniciativas, mas sobretudo por um enfoque missionário das disciplinas escolares e por um ambiente aberto à dimensão missionária.

1.4. *Cooperadores, ex-alunos, grupos da Família Salesiana...* participam da dimensão missionária da Congregação. É tarefa dos responsáveis dos vários grupos e dos delegados salesianos dar importância às missões e informar os membros da realidade missionária na Congregação.

Não só a nível formativo pessoal ou de grupo, mas também no interesse concreto e na participação direta dos projetos mis-

sionários, a Família Salesiana afirma a sua adesão à universalidade do carisma salesiano.

2. A animação missionária no projeto pastoral da Inspeção

Deve-se ter presente que a animação missionária possui algumas características particulares numa Inspeção que inclui uma região de missão: ela de fato se distingue pela responsabilidade direta em trabalhos de fronteira, pelo estudo da metodologia missionária e pelas modalidades a serem seguidas nas obras e pelo pessoal missionário.

Aqui todavia fazemos referência sobretudo à animação missionária que é comum a todas as Inspeções.

2.1. Como já foi dito, a *animação missionária é parte integrante da pastoral*. Deve, portanto, estar presente quando se faz a programação das orientações e das atividades da Inspeção. Diz, a este respeito, o manual do Inspetor salesiano: “É tarefa de todo Inspetor promover o espírito e o compromisso missionário. Fá-lo-á fixando com o seu Conselho ‘as normas para a animação e coordenação da ação missionária’ (Regul. 18). O serviço de um delegado, presente e coordenado em seu trabalho com a Comissão para a pastoral juvenil e com a Comissão inspetorial para a formação, e a colaboração com os outros grupos da Família Salesiana podem render tornar mais profundo e melhor esta tarefa” (*L’Ispettore salesiano*, n. 207).

2.2. *O Inspetor com o seu Conselho* introduzirá a reflexão missionária no próprio trabalho, especialmente nos momentos da programação e no discernimento vocacional com relação aos irmãos que desejam ir para as missões.

2.3. *Entre os diferentes setores* da atividade pastoral e *entre os vários grupos da Família Salesiana* a tarefa missionária é um ponto de interesse comum, que muitas vezes representa uma ponte que une. É, portanto, da máxima importância incluir o aspecto missionário em todos os itinerários formativos dos dirigentes e dos membros dos vários setores, em qualquer dimensão que eles trabalhem.

2.4. *Os grupos missionários* mantenham particularmente vivo o espírito missionário nas nossas Casas. Eles contribuem para aumentar a sensibilidade missionária em todos, nas pessoas

e no ambiente, fazê-la penetrar nas famílias, enquanto criam laços com outros Institutos e com grupos de interesse em favor do Terceiro Mundo.

São diferentes os tipos de grupos com objetivo missionário que podem crescer numa Inspeção ou numa Casa. Resumidamente, podemos individualizar os seguintes:

— *grupos de reflexão e estudo*, para aprofundar as informações recebidas, para conhecer melhor os povos, as culturas, as religiões;

— *grupos com a finalidade de realizar determinados projetos*, ligados a pessoas ou países, com os quais estão em contato e através dos quais fazem conhecer a realidade concreta;

— *grupos de voluntariado* de breve duração, com possibilidade explícita ou implícita de uma caminhada em direção a um voluntariado prolongado e definitivo;

— *grupos de trabalho*, para ajudar concretamente os mais pobres, realizar mini-objetivos etc. . . Aqui, por exemplo, inserem-se os trabalhos dos grupos “Mamãe Margarida”.

Todo grupo missionário é parte viva do *movimento juvenil salesiano* e segue as orientações deste movimento, com orientação específica missionária. Na organização do movimento salesiano em nível inspetorial os grupos missionários entram exatamente para tornar presente o espírito e o ardor missionário em toda a Inspeção.

2.5. Com relação às *Inspetorias com uma missão*: também se tem uma atenção privilegiada na própria região missionária, elas entram na mesma dinâmica acima descrita, evitando fechar-se em si mesmas, para não correr o risco de esquecer a dimensão universal da Congregação e da Igreja.

3. O delegado inspetorial para a animação missionária

Para coordenar os diferentes setores da Inspeção no campo missionário, para sensibilizar de maneira qualificada os irmãos e os jovens, o Inspetor escolhe um irmão idôneo e capaz como *delegado inspetorial*. Não se pensa necessariamente em um delegado com tempo integral, mas em uma pessoa com olhar e coração missionário, capaz de comunicar a todos as notícias das mis-

sões e de tornar presente nas comunidades e nas atividades da Inspeção a realidade missionária.

A estreita ligação com a pastoral juvenil sugere que este encarregado da animação missionária seja membro da equipe de pastoral da Inspeção. O seu papel específico será definido exatamente em relação com essa comissão de pastoral.

3.1. *Em ligação com o Dicastério para as missões* os delegados inspetoriais para a animação missionária formam uma *Rede* para levar adiante a dimensão missionária da Congregação. Juntos promovem iniciativas missionárias ao alcance de todos.

Uma das iniciativas importantes de realização comum é a *Jornada Missionária Salesiana (JOMISAL)*. O Dicastério difunde, por isto, na época oportuna, subsídios e material, indicando o tema comum para toda a Congregação. Mesmo que a jornada não possa se desenvolver no mesmo período de tempo em todas as Inspeções, a orientação, a mensagem e o projeto deste “momento forte” será comunitário, escolhido especificamente para cada ano.

Seria ideal que cada delegado inspetorial criasse *uma rede de relações com as casas* para facilitar o contato regular com as comunidades e com os grupos nelas existentes, prestando e recebendo informações e ajudando na reflexão.

3.2. *As tarefas concretas do delegado inspetorial* podem ser resumidas assim:

— ajudar a Inspeção, em todos os seus setores, a viver a dimensão missionária, sensibilizando para isso salesianos e jovens;

— estar em contato com os animadores dos grupos missionários nas diferentes casas;

— informar as comunidades da Inspeção sobre as atividades missionárias da Igreja e da Congregação. Manter, para isso, em dia, uma adequada documentação e subsídios;

— coordenar e guiar as atividades de caráter missionário nas diferentes obras, quando são de iniciativa inspetorial: jornadas missionárias, grupos que trabalham nas diferentes casas, atividades missionárias, voluntariado nas férias ou prolongado...

— informar os grupos da igreja local e da região sobre a realidade missionária da Congregação Salesiana;

— assegurar que a dimensão missionária esteja presente nas publicações da Inspeção;

— fortalecer a sensibilidade missionária nas comunidades formadoras através de grupos missionários, reuniões, encontros, informações, visitas etc.;

— sensibilizar a Família Salesiana sobre o aspecto missionário e promover com ela atividades missionárias;

— manter contatos com os missionários originários da Inspeção e coordenar sua visita às Casas quando estão de volta à pátria;

— suscitar e promover vocações missionárias;

— manter o contato com o Dicastério para as missões e representar a Inspeção nos organismos missionários e na igreja local;

— nas Inspeções que têm um território de missão dentro da Inspeção, o delegado deverá também cuidar da reflexão sobre a metodologia missionária com os próprios missionários.

4. A Procuradoria missionária

A Procuradoria missionária, que trabalha em uma circunscrição própria e nem sempre ligada ao território de uma só Inspeção, tem a finalidade de “apoiar a atividade missionária” (cf. Regul. 24). Mesmo que as atividades desenvolvidas e a maneira de trabalhar sejam diferentes nas várias procuradorias, podem ser individualizados dois campos de ação principais:

a) *o auxílio material* dado às obras e aos projetos missionários, em colaboração com os Inspectores e com cada missionário. Muitas vezes a Procuradoria dá atenção prioritária aos missionários de origem da região em que ela trabalha;

b) *a tarefa de tornar conhecidas as missões salesianas* e de sensibilizar as pessoas da região, através dos meios de comunicação, os contatos com entidades de ajuda e com organismos que se interessam pelo Terceiro Mundo e pelas missões.

A orientação das Procuradorias missionárias devem sempre ser de *natureza educativa e pastoral*, para não correr o risco de se tornar unicamente um ponto de apoio material. Por isso, é bom ter presente algumas orientações gerais.

4.1. Na Procuradoria expressa-se o *espírito salesiano* especialmente criando uma sensibilidade particular em favor da juventude do Terceiro Mundo em todas as pessoas e nos grupos que entram em contato com Dom Bosco através da Procuradoria. O Procurador, portanto, preocupar-se-á em fazer conhecer e fazer ajudar obras juvenis, dando assim aos jovens mais necessitados a possibilidade de serem educados e evangelizados.

4.2. O Procurador tem um papel de *ligação* com os diferentes grupos e organismos na sociedade e na Igreja. Os contatos regulares com os missionários e com a Congregação o mantém informado sobre a realidade missionária e sobre o aspecto missionário essencial da Congregação.

4.3. Deve-se reconhecer que o *aspecto material* tem a sua importância na animação. De fato, através da ajuda material, de um lado se sustenta a atividade do missionário e se alivia o sofrimento do povo, por outro se faz sentir ao missionário que não é deixado sozinho em seu trabalho.

Quando uma Inspeção ou uma obra missionária busca meios ou um serviço técnico-organizativo, a Procuradoria oferece o seu serviço de colaboração. Todavia, a programação e o ritmo de realização de um projeto é da responsabilidade do Inspetor do lugar.

4.4. *Os destinatários da animação feita pela Procuradoria* são pessoas e grupos que têm sensibilidade para com a problemática do Terceiro Mundo, para a colaboração internacional, os direitos humanos e a tarefa missionária das Igrejas. Pelo fato de não se limitar a pessoas e grupos de crentes, a Procuradoria é capaz de *fazer um primeiro anúncio*, tornando conhecidas e estimulando as atividades assistenciais e missionárias da Igreja e da Congregação. Benfeitores e colaboradores serão introduzidos nas motivações fundamentais das obras missionárias, isto é o anúncio do Reino.

5. A informação missionária

Para difundir e tornar estimulantes em todo o mundo as experiências missionárias e as realidades eclesiais e culturais a elas unidas, a maneira mais eficaz e inteligente é o de cuidar da informação esmerada e rápida.

A tarefa mais imediata e urgente dos animadores e dos procuradores é a da informação. A mensagem vital do Evangelho, através da notícia de como ele se difunde nos vários continentes, trará grande fruto, se for oportunamente comunicado.

5.1. Um momento, que facilmente está à disposição para fazer chegar a notícia missionária, é a *Boa-Noite e/ou o Bom-Dia*. Garante uma comunicação simples no mesmo plano da vida dos ouvintes. Pequenas mensagens, regulares e transmitidas em sintonia com a vida dos destinatários, animados pela experiência das missões, abrem o horizonte e apresentam uma adequada visão do compromisso cristão de evangelização.

5.2. Na *catequese* e nos momentos de reflexão oferecidos aos alunos das escolas ou dos centros juvenis como aos fiéis nas paróquias, os animadores e os professores, aproveitarão para tornar conhecido e apreciado o trabalho dos missionários, ajudando a ver a fé numa perspectiva missionária. Isto ajudará muito a concretizar e vitalizar a matéria apresentada na catequese.

5.3. É evidente que uma informação organizada tem necessidade de *se documentar*. Para obter notícias sobre as missões será necessário ir em busca de subsídios e de oferecê-los aos destinatários. Irmãos e jovens deverão ter a facilidade de ter em mãos revistas, boletins informativos, biografias etc. Será útil que o delegado inspetorial prepare um *centro de documentação* à disposição das Casas e dos irmãos.

5.4. O *Boletim Salesiano*, o ANS, os Noticiários inspetoriais e locais de ligação entre os grupos, calendários, cartas dos missionários: são instrumentos que falam das missões. É preciso que na Inspeção haja uma coordenação, com meios sistemáticos para que cheguem todas essas notícias aos destinatários.

5.5. *Publicações e produções* de todo gênero, seja puramente de caráter informativo ou promocional, como de aprofundamento e de reflexão, têm como objetivo principal a animação dos valores evangélicos, humanos e comunitários. Com estes meios nos propomos educar todos a serem "bons cristãos e honestos cidadãos".

Conclusão

Nas obras salesianas espalhadas no mundo ouve-se sempre falar das missões; os quadros-murais dos centros juvenis, das

escolas e das paróquias mantêm vivo o pensamento missionário; as intenções de orações não faltam... No entanto, existe ainda muita estrada a ser percorrida para tornar a atenção voltada para as missões a ser cada vez mais aquela *orientação indispensável e inseparável da vocação salesiana*, de que falávamos.

O colocar a dimensão missionária dentro do projeto educativo-pastoral, na evangelização e na catequese, dá a esse mesmo projeto um aspecto universal e eclesial. O horizonte vocacional que se abre, juntamente com a experiência associativa dos grupos, faz crescer uma mentalidade de doação, de solidariedade e de generosidade.

Em todos os setores da vida salesiana a abertura aos povos e às experiências de fronteira inspira novas propostas e faz participar da plenitude de Cristo vivo na sua Igreja. O acompanhamento que se dá aos jovens, aos benfeitores, a prestação de informações e de reflexão a partir da experiência missionária criam o desejo de participar e cooperar de perto na realidade missionária da Congregação.

A sensibilidade para as missões torna todos *evangelizadores e educadores de valores humanos e cristãos*.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

3.1. ESCLARECIMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE CASA SALESIANA E PARÓQUIA

Como se sabe a promulgação do novo Código de Direito Canônico em 1983 trouxe algumas novidades para as paróquias confiadas aos Institutos religiosos, tanto com relação aos aspectos que se referem às responsabilidades pastorais do pároco e da comunidade religiosa, quanto por aquilo que se refere à gestão, também administrativa, da mesma paróquia, na dependência do bispo diocesano e dos próprios superiores religiosos.

O cân. 520, § 2.º do CDC pede explicitamente que, no ato de confiar uma paróquia, seja feito um *convênio escrito* entre o bispo diocesano e o superior competente, no qual, entre outras coisas, “se determine explicita e cuidadosamente o que se refere ao trabalho a ser desenvolvido, às pessoas que devem a ele ser destinadas e às questões econômicas”.

Deixando os aspectos do carisma salesiano, que qualificam a nossa pastoral nas paróquias confiadas à Congregação, a serem consultados em outros documentos¹, queremos aqui focalizar alguns *problemas de caráter econômico-administrativo*, que pedem alguns esclarecimentos, para que a paróquia esteja em sintonia com o direito universal e com o nosso próprio direito. A ocasião para estes esclarecimentos foi oferecida pelas indicações de diferentes Capítulos inspetoriais, realizados recentemente, inseridas muitas vezes nas normas dos próprios Diretórios inspetoriais. O Conselho geral, partindo dos CI, dedicou uma seção para aprofundar os problemas, chegando a algumas conclusões surgidas no confronto com as normas do Código de Direito Canônico e as características da vida e da missão da Sociedade, que estão codificadas nas Constituições e nos Regulamentos gerais.

Em particular, são considerados alguns aspectos das relações entre Casa salesiana (com o próprio superior) e paróquia (enquanto comunidade de fiéis inserida numa igreja local sob a jurisdição do bispo). É claro que existe distinção entre as duas reali-

¹ Cf. CGS nn. 400ss.; CG21 nn. 137-141; ACG n. 322, julho-setembro 1987, pp. 30-37.

dades (casa religiosa e paróquia *qua talis*), também quando o superior religioso é o próprio pároco; essa distinção assume, pois, um caráter particular quando o pároco e os colaboradores que ajudam na paróquia fazem parte de uma comunidade mais ampla, com superior distinto do pároco.

Questões de caráter econômico a serem esclarecidas no Convênio

Para examinar os problemas econômicos nas relações entre paróquia e casa religiosa, é bom sublinhar antes de mais nada que no próprio Convênio devem ser esclarecidos os pontos mais importantes para uma administração correta.

Podemos elencar as questões de maior importância, que devem ser esclarecidas claramente no Convênio. Relacionam-se com:

1) a descrição dos limites da paróquia (mediante oportuno anexo);

2) a propriedade do conjunto de prédios (anexando as plantas); os locais colocados à disposição; a propriedade dos bens móveis (mesas, cadeiras, armários...);

3) a situação de fato (se existem dívidas anteriores ou outros impedimentos econômicos...);

4) o inventário dos bens imóveis e móveis (exigido pelo cân. 1283,2 e que deve ser atualizado oportunamente após a redação; cf. o nosso direito, Regul. 30);

5) obrigações e direitos do pároco e dos seus colaboradores: modalidades de remuneração;

6) administração paroquial: especificações com relação à manutenção ordinária e extraordinária;

...

O esclarecimento sobre os compromissos econômicos no Convênio é um primeiro grande passo para a clareza das relações na vida da paróquia.

Distinção entre as administrações da casa religiosa e da paróquia

Apresentadas as premissas com relação ao Convênio, é preciso insistir sobre um princípio que aparece claramente no CDC

como no nosso direito: a distinção entre administração da paróquia “*qua talis*” e a administração da Casa (comunidade) religiosa, distinção que exige uma prestação de contas distinta (preventivo e balancete final) e livros contábeis distintos.

Esta orientação, que fora indicada pelo CGS e que nos nossos Regulamentos está expressa no art. 30², está claramente estabelecida pelo Código de Direito Canônico. Disto tudo se deduz:

a) o pároco é o responsável direto pela administração dos bens da paróquia, dos quais deve prestar contas ao Ordinário do lugar; afirma de fato o cân. 532 que o “pároco representa a paróquia, de acordo com o direito; cuida que os bens da paróquia sejam administrados de acordo com os cân. 1281-1288”;

b) o pároco é ajudado na administração dos bens da paróquia por um conselho de assuntos econômicos, que se rege pelo direito universal e pelas normas dadas pelo bispo diocesano (cf. cân. 537).

A responsabilidade confiada ao pároco e a presença do “conselho de assuntos econômicos” (necessário, mesmo se consultivo) conferem à administração da paróquia uma sua autonomia própria.

Estabelecida a distinção entre as administrações da paróquia e da Casa (comunidade) religiosa, é necessário considerar as situações que se apresentam nas relações entre as duas realidades. É bom apresentar três situações³:

² Cf. CGS, nn. 433-436. O art. 30 dos Regulamentos gerais diz: “Quanto às relações administrativas, siga-se o prescrito no artigo 190 dos Regulamentos Gerais e levem-se em conta também, as obrigações para com a comunidade paroquial, segundo as normas do direito. Mantenha-se claramente distinta, com a devida documentação e registro, a propriedade dos bens pertencentes à paróquia como tal e a que é da Congregação”. Com o aceno ao direito universal e à distinção entre os bens pertencentes à paróquia e à comunidade religiosa, o artigo regulamentar expressa a necessária distinção entre as administrações. Com relação a isso o Capítulo inspetorial, obedecendo ao Regul. 190,5, poderá estabelecer normas particulares.

³ Estas situações se apresentam seja quando os salesianos que animam a paróquia formam uma comunidade própria, seja quando fazem parte de uma comunidade mais ampla. As administrações da paróquia e da comunidade religiosa devem ser distintas e o diretor (também se é o mesmo pároco) tem responsabilidades precisas como superior da comunidade.

1) *Com relação aos bens imóveis de propriedade da Sociedade Salesiana (da casa religiosa)*

A administração destes bens, destinados à paróquia mas de propriedade da casa religiosa, é de competência da casa religiosa, e portanto é preciso pedir as autorizações e prestar contas ao superior competente (Diretor e Inspetor), de acordo com as Constituições. É claro porém que a comunidade religiosa tem o direito de pedir ao povo a ajuda necessária para a restauração e a melhoria da igreja e dos locais cedidos para uso da paróquia; mas o controle das entradas e das despesas passa através do superior salesiano, o qual evidentemente agirá de comum acordo com o irmão pároco.

2) *Com relação aos bens imóveis de propriedade da Cúria (ou da Entidade paroquial)*

A competência da sua administração é do *Ordinário do lugar*. A administração se faz através do pároco, que pede as necessárias autorizações e presta contas ao Ordinário do lugar. Lembre-se todavia que, também neste caso, o Superior religioso tem uma responsabilidade com relação aos seus súditos: ele deve vigiar para que a administração dos bens eclesiásticos confiada aos religiosos seja feita na observância das leis e no espírito das mesmas (cf. cân. 678, § 2.º).

3) Fica o caso da *administração ordinária* da paróquia, que como acima se indicava, é da competência do pároco, ajudado pelo “conselho para assuntos econômicos”. Na administração ordinária um ponto que deve ficar claro para uma recíproca relação fraterna entre paróquia e casa religiosa é a que se refere à *justa distribuição das entradas*. Em várias Dioceses existem normas que determinam o que é do pároco e dos seus auxiliares e o que é da igreja e da paróquia. Em todo caso pode-se seguir estes critérios principais:

a. as entradas pessoais do pároco e dos vigários paroquiais pertencem à comunidade salesiana (cf. Const. 76): são os estipêndios, os salários diocesanos, as pensões, as ofertas das Missas. Estes emolumentos entram portanto na caixa da comunidade religiosa;

b. os assim chamados “direitos de estola”, a norma do cân. 531, pertencem à paróquia. Assim como as ofertas voluntárias entregues à paróquia, a menos que não conste claramente a in-

tenção contrária do ofertante. Em todo caso sobre este ponto obedeça-se às normas diocesanas, que contemplam casos particulares.

Dever do pároco de "prestar contas ao superior"

Nos parágrafos anteriores estabeleceu-se a autonomia própria da paróquia no campo administrativo e a específica responsabilidade do pároco, na dependência do bispo e com a colaboração do conselho para assuntos econômicos, na administração da paróquia.

Esclarecido isso, é preciso ressaltar que permanece para o pároco salesiano o *dever de "prestar contas" ao superior*. Este dever, além de conforme ao espírito da vida religiosa, está expresso para nós salesianos no art. 198 dos Regulamentos gerais, que reza assim: "Também os irmãos encarregados de obras, que, por estatuto ou convenção, têm um Conselho de administração autônomo, são obrigados a *prestar contas* de sua gestão aos superiores religiosos". A paróquia, que tem um conselho administrativo próprio, está enquadrada evidentemente na norma do nosso direito.

Pergunta-se: que significado tem "este prestar contas" do pároco ao seu superior (diretor ou inspetor)?

É claro, antes de mais nada, que o "prestar contas" *não* pode ser entendido como obrigação absoluta de *receber a aprovação* do superior. De fato o cân. 532 dá ao pároco a responsabilidade direta da administração dos bens da paróquia (evidentemente não daqueles de propriedade da Congregação), e neste sentido ele deve ter a autorização do Ordinário do lugar, quando é exigida.

Por outro lado, o mesmo Código de Direito Canônico dá aos superiores religiosos a responsabilidade de vigiar para que os próprios religiosos sejam fiéis à disciplina do próprio Instituto, em todos os aspectos que se relacionam com o exercício do apostolado externo (aspectos econômicos incluídos). Deduz-se esse dever do cân. 678, § 2.º, que diz: "No exercício do apostolado externo, os religiosos estão sujeitos também aos próprios superiores e devem permanecer fiéis à disciplina do instituto; os próprios bispos, se necessário, não deixem de urgir essa obrigação".

Pode-se então dar a seguinte interpretação do dever que o pároco tem de "*prestar contas*" ao superior, de acordo com o nos-

so direito. Se por um lado, como já se disse, não se pode considerar como obrigação de ter uma “autorização”, o “prestar contas” também não pode se reduzir a uma simples informação. É preciso que o pároco apresente ao superior religioso (diretor, inspetor) os vários problemas econômicos, em particular os balancetes e os projetos, pedindo um *parecer prévio e aprovação*, que ajude a ter na devida conta as exigências da disciplina religiosa própria da comunidade que anima a paróquia.

O dever da “prestação de contas” no sentido acima, deriva assim das exigências mesmas do carisma específico da Congregação, a quem a paróquia é confiada. O pároco salesiano, que sabe ser portador de um carisma e representante da Congregação diante da comunidade dos fiéis, confronta com o seu superior as decisões que deverá tomar também no aspecto econômico (mesmo que tenha a própria autonomia) para permanecer fiel ao espírito do seu Instituto e testemunhá-lo em tudo. Quando encontrasse dificuldades visto que as exigências dos paroquianos são diferentes das indicações recebidas do superior, deverá fazer um adequado discernimento, eventualmente consultando o bispo. Também o superior, em caso de pontos de vista diferentes sobre determinados aspectos, poderá dirigir-se ao bispo, no espírito sugerido pelo cân. 678, § 3.º.

Participação da comunidade salesiana no conselho para assuntos econômicos

Existe um último aspecto que merece ser levado em consideração e que foi solicitado por vários Capítulos inspetoriais: trata-se da participação no conselho para assuntos econômicos da paróquia representando a comunidade salesiana, além do pároco, que o preside; por conveniência poderia ser o ecônomo da comunidade salesiana.

Estude-se a conveniência dessa participação; num conselho composto em sua maioria por leigos não religiosos a presença de um salesiano, que não é o pároco, poderia ajudar muito a ter em conta as exigências do espírito salesiano, iluminando o próprio conselho nas escolhas que deve fazer do ponto de vista da comunidade religiosa.

Estabelecida esta conveniência, é preciso porém dizer que a participação de um salesiano, além da do pároco, no conselho

econômico não pode ser decidida pela autoridade salesiana (nem pelo Capítulo inspetorial, que deve sugerir, apenas): o cân. 537 afirma de fato que esse conselho obedece às normas estabelecidas pelo bispo. Poder-se-ia então proceder assim:

— inserindo-se uma cláusula no Convênio feito com o bispo no ato da aceitação da paróquia (e esta é a modalidade sem dúvida mais adequada);

— ou aproveitando a margem de manobra que o pároco tem na composição do conselho econômico (sempre deixada pelo bispo).

Eis, em rápida síntese e resposta para alguns requisitos colocados pelos Capítulos inspetoriais, os esclarecimentos que se fazem necessários de acordo com o direito universal e com o nosso direito.

3.2. DESTINAÇÃO DAS ESPÓRTULAS DAS MISSAS BINADAS

No *Osservatore Romano* do dia 24 de julho de 1987 foi publicada a resposta da Pontifícia Comissão para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canônico a uma pergunta relacionada à atribuição da oferta das Missas binadas, estabelecida pelo cân. 951, § 1.º, do CDC.

A pergunta dirigida à Comissão era a seguinte: “Se o Ordinário de que fala o cân. 951, § 1.º, deve ser entendido o Ordinário do lugar onde é celebrada a Missa, ou o Ordinário próprio do celebrante”.

A resposta, dada pela Plenária do dia 20 de fevereiro de 1987 e aprovada pelo Sumo Sacerdote em 23 de abril de 1987, é a seguinte: “Negativamente a primeira parte; afirmativamente a segunda, com exceção quando se trata de párocos e vigários paroquiais, para os quais o Ordinário se entende o Ordinário do lugar”.

Esta resposta da Pontifícia Comissão modifica em parte a interpretação publicada nos Atos do Conselho Geral n. 313 (abril-junho 1985, pp. 36-37), em que se afirmava que as ofertas das Missas binadas deviam ser atribuídas sempre ao Ordinário próprio do celebrante (o Inspetor, para nós).

Com esta nova interpretação da Comissão do Código distinguir-se-á:

1. *para o pároco e para os vigários paroquiais* (nomeados como tais pelo bispo) a oferta das Missas binadas (ou trinadas) será entregue ao *Ordinário do lugar*;

2. *para todos os outros salesianos* (também trabalhando na paróquia) a oferta das Missas binadas (ou trinadas) será entregue ao *Inspetor salesiano*.

Não se esqueça a norma do § 2.º do cân. 951: no caso que um sacerdote *concelebre* no mesmo dia uma segunda Missa, por nenhum título pode receber a oferta por esta Missa binada celebrada.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

No dia 18 de julho de 1987 o Reitor-Mor, visitando Valtellina, foi testemunha dos gravíssimos danos causados pelo mau tempo naquele vale, permanecendo também isolado em Bórmio. No dia 20 conseguia voltar a Roma, passando pela Suíça.

Após o término da sessão plenária do Conselho, no dia 29 de julho teve a alegria de ser recebido em audiência particular pelo Papa, com o qual conversou sobre as iniciativas com vistas às celebrações de 88.

No dia 31 do mesmo mês partiu para Portugal, onde presidiu, em Fátima, nos dias 2 a 8 de agosto, a "visita de conjunto" das Inspetorias da Região Ibérica.

Voltava à sede no dia 9 de agosto e no dia 12 estava de saída novamente. Desta vez foi para Pequim, Cantão, Shiu Chow. Percorreu os caminhos dos nossos heróicos missionários e mártires; visitou a ponte Marco Polo (onde, de acordo com o sonho de Dom Bosco, se encontrarão os salesianos vindos de direções opostas), falou com alguns dos oito irmãos que ainda vivem na China continental. Depois passou por Macau e Hong Kong, onde realizou reuniões fraternas com os irmãos e com os grupos da Família Salesiana da Inspetoria "Maria Auxiliadora" de Hong Kong.

Voltou para Roma no dia 23 de agosto. Depois de uma breve visita a Turim, para o Encontro dos músicos salesianos, e a Como, para

se encontrar com os irmãos que faziam os Exercícios Espirituais, pôde chegar a Sondrio e assegurar a participação salesiana (já tão generosa e prática na nossa presença local) às autoridades civis e eclesásticas, por causa dos enormes perigos ainda presentes na Valtellina.

No dia 2 de setembro foi recebido novamente em audiência pelo Santo Padre em Castel Gandolfo, para relatar a viagem feita à China.

A 4 de setembro, nova viagem: desta vez para os Estados Unidos onde, depois de alguns contatos com irmãos das duas Inspetorias, presidiu a "visita de conjunto" das Inspetorias da Região de língua inglesa. No dia 17 de setembro vai a Santiago do Chile onde se comemora a chegada dos salesianos e o 80.º aniversário do Card. Raúl Silva Henríquez.

No dia 27 está de volta a Roma para participar do Sínodo dos Bispos.

4.2. Crônica do Conselho geral

De acordo com o programa estabelecido, no dia 2 de junho de 1987 teve início a sessão plenária de verão do Conselho geral, que terminou no dia 24 de julho, com 34 reuniões de trabalho. Todos os Conselheiros, vindos de diferentes Regiões, estavam presentes, com exceção do Pe. José A. Rico, que ficou na Espanha até a metade de junho, após intervenção cirúrgica a que se submeteu.

O Conselho, como sempre, enfrentou numerosos compromissos relacionados com a animação da Congregação. Um certo tempo foi dedicado às práticas ordinárias vindas das Inspetorias: nomeações dos membros dos Conselhos inspetoriais e aprovação das nomeações dos Diretores, abertura e ereção canônica de Casas (foram erigidas 9 Casas e outras 7 as novas presenças iniciadas), autorizações para práticas administrativas, exame de problemas particulares dos irmãos etc.

Todavia, a maior parte do trabalho do Conselho foi utilizado na nomeação dos Inspetores, no exame das Visitas extraordinárias, na aprovação dos Capítulos inspetoriais e outros temas de interesse para a vida e a missão da Congregação.

Para informação apresentamos aqui o sumário dos principais argumentos examinados e discutidos no Conselho nos dois meses de trabalho.

1. Nomeação dos Inspetores: foi este um dos trabalhos que mais ocupou o Conselho, que, baseando-se no exame das consultas, estudou com calma e com espírito de fé o necessário discernimento para a escolha de pessoas capazes de guiar cada uma das comunidades inspetoriais, respondendo aos desafios da sua missão. Onze foram os novos Inspetores eleitos, aos quais se acrescenta o Superior da Visitadoria da Sardenha e o Diretor da Casa geral em Roma. No n.º 5.3. deste número dos ACG estão as notícias sobre cada um dos Inspetores nomeados.

2. Relação das Visitas extraordinárias: também nesta sessão se passou em exame as Visitas extraordinárias realizadas pelos Conselheiros regionais. As Inspetorias visitadas foram as seguintes: Ale-

manha Norte (Colônia), Buenos Aires (Argentina), Estados Unidos Oeste (São Francisco), Equador, Índia-Dimapur, Jugoslávia-Zagreb, Lombardo-Emiliana (Itália), Polónia Leste (Varsóvia). Também foi apresentada a relação da visita que o Regional fez a Jacarta e à ilha de Timor. O exame das relações das Visitas é sempre um momento importante para considerar a caminhada de uma Inspetoria e dar sugestões que possam ajudar seu crescimento salesiano.

3. Aprovação dos Diretórios e das Deliberações dos Capítulos inspetoriais. O Conselho geral continuou o exame dos documentos dos Capítulos inspetoriais, realizados nos primeiros meses de 1987, dando a aprovação exigida pelas Constituições com oportunas observações. Os 21 Capítulos considerados e aprovados foram os seguintes: Argentina-Buenos Aires, Argentina-Bahia Blanca, Argentina-La Plata, Argentina-Rosário, Bolívia, Brasil-Belo Horizonte, Brasil-Campo Grande, Brasil-Recife, Brasil-São Paulo, Centro América, Colômbia-Medellín, Índia-Calcutá, Índia-Bombaim, Índia-Bangalore, Índia-Madras, Jugoslávia-Zagreb, Peru, Tailândia, UPS. Foi também aprovado o documento "Orientações e Normas" para a Formação nas Inspetorias da Itália.

4. Visitas de conjunto. Durante os primeiros meses de 1987 foram realizadas várias "visitas de conjunto" para uma avaliação da metade do sexênio. No Conselho geral houve uma apresentação das Visitas com as conclusões tiradas pelo Reitor-Mor e pelos Conselheiros. As Visitas de conjunto apresentadas foram: para as Inspetorias de língua holandesa (Leusden, 17-19 de fevereiro), para as Inspetorias de língua alemã (Viena, 19-22 de fevereiro), para as Inspetorias do Pra-

ta (Ypacaraí, 29 de março a 4 de abril), para as Inspetorias do Brasil (Brasília, 5-11 de abril), para as Inspetorias da Região do Pacífico-Caribe (Caracas, 12-18 de maio), para as Inspetorias da Itália-Oriente Médio (Roma, 25-29 de maio).

5. *Textos litúrgicos e de oração salesianos.* O Conselho viu a redação, agora definitiva (em que os Conselheiros puderam fazer as próprias observações), de alguns importantes textos, que se espera sejam publicados no ano centenário de 1988. Os textos são: o "*Proprium*" salesiano (textos litúrgicos das Missas e da Liturgia das Horas); o "*Ritual da profissão salesiana*"; e o "*Guia de oração da comunidade salesiana*", oportunamente revisto após a aprovação das Constituições.

6. *Relações econômicas entre casa salesiana e paróquia.* O Conselho dedicou uma sessão para refletir sobre as normas que apareceram após a promulgação do Código de Direito Canônico, também à luz da nossa Regra de vida e daquilo que expressaram os Capítulos inspetoriais celebrados entre 1986 e 1987. As indicações amadurecidas na reflexão do Conselho estão sendo apresentadas nas "Disposições e normas" no n.º 3.1. deste ACG.

7. *Avaliação do trabalho do Conselho geral.* Na metade do sexênio, respondendo à proposta de alguns Conselheiros, o Conselho dedicou algumas sessões para uma avaliação do próprio trabalho, verificando os objetivos propostos no

início do sexênio. a metodologia seguida e os problemas surgidos. Evidentemente a avaliação se concentrou sobre alguns aspectos considerados prioritários (apontados mediante um questionário). Entre as conclusões de importância deve-se assinalar o compromisso de estudar nas próximas sessões, algumas problemáticas de fundo presentes (com modalidades diferentes) em muitas partes da Congregação.

8. *Preparação para o centenário 1988.* Dando continuidade à diretriz das sessões precedentes, o Conselho fez um balanço da preparação para o centenário da morte de Dom Bosco, com referência às celebrações de caráter mundial e aos objetivos fundamentais que se referem à renovação da nossa profissão salesiana. Quanto aos aspectos organizativos sublinhou-se também de modo particular duas iniciativas: o *dia da profissão salesiana* a 14 de maio de 1988, e o projeto da *celebração das profissões perpétuas*, em Turim, juntamente com as *FMA*, no mês de setembro de 1988.

Como nas sessões precedentes, na última semana de junho realizou-se um encontro com os *novos inspetores*, que permitiu, além da apresentação dos vários setores da animação salesiana, uma rica troca de experiências.

Ao longo dos trabalhos foram numerosos os momentos de oração comum. Em particular, deve ser lembrado o retiro espiritual de um dia vivido em grupo, no dia 27 de junho, sob a guia do Pe. Ângelo Amato.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Oração a Dom Bosco

De vários lugares chegou ao Reitor-Mor o pedido de uma oração a Dom Bosco, que pudesse servir sobretudo aos membros da Família Salesiana para se dirigirem ao Pai e Mestre dos jovens. O próprio Reitor-Mor compôs a seguinte oração que publicamos.

Ó Pai e Mestre da juventude,
São João Bosco,
que, dócil aos dons do Espírito,
transmitiste à Família Salesiana o tesouro
da tua predileção pelos pequenos e os pobres.

Ensina-nos a sermos cada dia mais para eles
sinais e portadores do amor de Deus,
alimentando em nós
os mesmos sentimentos de Cristo Bom Pastor.

Pede por todos os membros da tua Família
um coração bom,
a dedicação no trabalho,
a sabedoria no discernir,
a coragem de testemunhar o sentido de Igreja,
a generosidade missionária.

Obtém-nos a graça
da fidelidade à especial Aliança
que o Senhor estabeleceu conosco
e faz que, guiados por Maria,
percorramos alegremente com os jovens
o caminho que conduz ao Amor.

Amém.

5.2. Jornada Missionária Salesiana 1988. Mensagem do Reitor-Mor

Entre as iniciativas que se pretendem relançar para fortalecer o espírito missionário aponta-se a JORNADA MISSIONÁRIA SALESIANA que as Inspetorias e as Casas salesianas estão convidadas a celebrar num dia (ou semana) por volta do 25 de fevereiro, em memória dos nossos Bem-aventurados Mártires. O Conselheiro geral para as missões num subsídio intitulado JOMISAL explicou os objetivos que se querem alcançar com esta celebração. Concretamente, para a próxima JOMISAL 88 indicou um tema geral: "O sonho continua" e lançou um projeto específico em favor da Guiné Conacri na África.

Apresentamos aqui a mensagem que o Reitor-Mor difundiu para a próxima JOMISAL 88, com o título:

"OS SONHOS AINDA NOS GUIAM".

Dom Bosco iniciou a sua epopéia missionária mandando os seus primeiros filhos da Europa para a América Latina. Sentia porém no coração que devia se dedicar aos jovens necessitados de todos os povos. Os cinco sonhos missionários feitos por ele revelam seus horizontes: América, África, Ásia, Austrália e Oceania.

A dinâmica ardente do seu coração não permite descanso: estimula a ir sempre adiante, não existem fronteiras para quem deseja levar a salvação aos pequenos e aos pobres.

A Jornada Missionária Salesiana anual, relançada em todas as Inspetorias no ano centenário da morte do querido Pai, oferece ocasião, para toda a Família Salesiana, de

sentir e renovar a co-responsabilidade na difusão da mensagem do Evangelho (Mc 16,20).

Penso nos Bem-aventurados Mártires Mons. Versiglia e Pe. Caravário que parecem convidar do Extremo Oriente a seguir o itinerário dos sonhos de Dom Bosco para chegar até à China.

Nestes anos, de fato, além dos generosos irmãos da Europa e da Índia, também os da América Latina se lançaram com força para a África. Parece-nos que estejam a nos indicar a linha traçada por Dom Bosco: de Valparaíso, passando pela África, até Pequim.

Que vibrem todas as comunidades salesianas de zelo missionário, com iniciativas, com estudos sobre as realidades religiosas e sociais de tantos países com auxílios concretos às novas presenças missionárias.

Esta é uma ocasião providencial para proclamar os grandes ideais da missão. Abriremos assim à esperança os corações de tantos jovens que estão ainda na espera do carisma de Dom Bosco.

Pe. Egidio Viganó

5.3. Novos Inspetores

Na sessão plenária do Conselho geral, que se desenvolveu de 2 de junho a 24 de julho de 1987 (cf. crônica n. 4.2) foram nomeados doze novos Inspetores. Apresentamos algumas breves notícias sobre eles.

1. BERNARDO DUARTE, David, inspetor de Portugal

Nasceu em Cujó, na Diocese de Lamego em Portugal, a 25 de janeiro de 1934. David Duarte Bernardo com 16 anos entrou no No-

viciado de Mogofores, onde a 16 de agosto de 1951 fez sua primeira profissão na Sociedade Salesiana. Após o término do curso de filosofia e o tirocínio prático, foi para o estudantado de Sherfield, na Grã Bretanha, a fim de realizar os estudos teológicos. No dia 9 de julho de 1961, em Estoril, recebia a ordenação presbiteral.

Três anos depois da ordenação, em 1964, era chamado a dirigir a casa salesiana de Macau, onde permaneceu até 1971, ano em que a obediência lhe confiava a tarefa de Ecônomo inspetorial em Lisboa. Desenvolveu sem descanso este importante serviço por quatorze anos (1971 a 1985), quando foi nomeado diretor da obra salesiana de Estoril. Em junho de 1987 chegou-lhe a nomeação para Inspetor de Lisboa.

2. *CALLE, Juan Bautista,*
inspetor de Medellín
(Colômbia)

Juan Bautista Calle nasceu em Andes, na província colombiana de Antioquia, a 25 de abril de 1939. Aos doze anos entrou no aspirantado salesiano de Mosquera, fez o Noviciado em La Ceja e aqui fez a sua primeira profissão salesiana no dia 29 de janeiro de 1958. Após as primeiras experiências práticas, preparou-se para a ordenação sacerdotal no estudantado de Bogotá; no dia 1.º de julho de 1967 era ordenado sacerdote em Medellín, coroadando assim o seu itinerário vocacional.

Após alguns anos de apostolado passados no aspirantado de La Ceja, em 1976 o Pe. Calle foi eleito diretor do mesmo aspirantado, cargo que ocupou até 1981, quando foi chamado a exercer o serviço de Vicário do Inspetor. Em 1984 participou do CG22. Desde 1985 era

diretor de Rionegro, onde fora formada a comunidade do pós-noviciado.

3. *CANTINI, Juan,*
Inspetor de Buenos Aires
(Argentina)

Nascido em Rosário, na província de Santa Fé (Argentina), no dia 12 de março de 1928, Juan Cantini iniciou a sua experiência de vida com Dom Bosco no aspirantado de Rosário (1939). Fez o Noviciado em Los Cóndores, que coroou com a profissão religiosa no dia 6 de fevereiro de 1947. Após o tirocínio prático, os estudos teológicos e a ordenação sacerdotal, recebida em Córdoba no dia 7 de agosto de 1955, foi para a Itália se aperfeiçoar em Direito Canônico.

Após o diploma em Direito, o Pe. Cantini fez parte do colégio docente do Ateneu Salesiano primeiro em Turim e depois em Roma.

De volta à Inspetoria de Bahía Blanca, em 1968 foi nomeado diretor da Casa de Manucho, de onde em 1970 foi transferido para dirigir a Casa de Viedma. No ano de 1972 era eleito Inspetor da Inspetoria de Bahía Blanca.

Após o sexênio como inspetor, assumiu a tarefa de Mestre dos novícios no Noviciado interinspetorial de La Plata. Desde 1984 era também Conselheiro inspetorial. Por fim, deve-se assinalar, a ativa participação nos três Capítulos gerais 20, 21, e 22.

4. *CASTI, Giuseppe,*
superior da Visitadoria da
Sardenha (Itália)

Giuseppe Casti nasceu em Sardenha, na província de Cagliari, no dia 12 de setembro de 1946. Esteve no aspirantado de Arboréa; fez o pe-

dido para ser admitido no Noviciado, que fez em Lanúvio, no Lácio, concluindo-o com a profissão religiosa no dia 16 de agosto de 1963.

Após os estudos filosóficos, pediu e obteve ir para o Zaire onde fez o tirocínio prático; de lá foi para a Bélgica para completar os estudos teológicos. No dia 9 de setembro de 1973 era ordenado sacerdote em sua paróquia natal.

De volta à Inspeção de origem, dedicou suas energias ao serviço pastoral na incipiente paróquia de Nuoro, mas logo foi chamado a Cágliari para animar a Pastoral juvenil e a Família Salesiana da nova Delegação sarda, elevada depois a Visitadoria. Desde 1984 era membro do Conselho da Visitadoria.

5. *COSTANZO, Vitório,*
inspetor da Inspeção da
Sicília (Itália)

Nascido em Cesarò (Messina) no dia 27 de novembro de 1941, Vitório Costanzo ainda garoto entrou no aspirantado de Pedara e, depois de ter feito o seu Noviciado, emitiu a primeira profissão na Congregação Salesiana em São Gregório de Catânia no dia 16 de agosto de 1960. Terminado o tirocínio prático, fez os estudos teológicos no estudantado de Messina, onde foi ordenado sacerdote no dia 21 de dezembro de 1968.

Obtido o diploma em Pedagogia e habilitação em Letras Italianas desenvolveu seu serviço sacerdotal e de educador primeiro em São Gregório e depois em Catânia-Salerno. No ano de 1976 era chamado a dirigir a Casa de Catânia-São Filipe; lá permaneceu até 1980, quando a obediência o convidou a ser diretor da Casa de Palermo-Sampolo.

Quando a Inspeção da Sicília abriu a presença missionária em Madagascar, participando do Projeto-África, o Pe. Costanzo pediu e obteve fazer parte do primeiro grupo de irmãos que partiram em missão. Desde 1985 era diretor da comunidade missionária de Tulear.

6. *DELGADO, Germán,*
inspetor da inspeção do
Equador

Germán Delegado nasceu em El Pan na diocese de Cuenca (Equador), a 22 de janeiro de 1930. Em 1950 entrou no Noviciado de Cuenca onde, no ano seguinte, a 16 de agosto de 1951, fez a sua primeira profissão salesiana. Após o tirocínio prático, foi fazer os estudos teológicos em Bogotá onde recebeu a ordenação sacerdotal a 29 de junho de 1962.

Alcançada a licença em Teologia e o título estatal de habilitação para o magistério, passou alguns anos de ministério educativo nos aspirantados de Cuenca e Cayambe e no colégio Dom Bosco de Quito; em seguida, após um ano de espiritualidade em Roma, em 1971 foi chamado a exercer o serviço de Mestre dos noviços.

Em 1974 foi nomeado diretor de Cuenca e em 1980 diretor da Casa de Guayaquil-Colón. Desde 1981 era membro também do Conselho inspeccional de Quito.

7. *DURAIRAJ, Vicent,*
inspetor de Madras (Índia)

Nascido na cidade de Madras no dia 27 de março de 1937, Vicent Durairaj, após ter frequentado o aspirantado de Tirupattur, fez o Noviciado em Yercaud, onde emitiu a primeira profissão salesiana no dia 24 de maio de 1958. Reali-

zada a experiência do tirocínio e frequentados os estudos teológicos no estudantado de Kotagiri, foi ordenado sacerdote no dia 21 de dezembro de 1968.

Alcançada a licença em Teologia e o diploma em Ciências econômicas, o Pe. Durairaj exerceu por alguns anos o cargo de ecônomo na casa salesiana de Madras-Pembalur. Em 1972 foi eleito diretor do Instituto "Rinaldi Juniorate" de Madras. Em 1975 foi nomeado pároco da paróquia de Madurai, tarefa que exerceu até 1980, quando foi chamado a dirigir a casa de Yercaud.

Em 1982 era eleito Vicário do Inspetor e em 1983 assumia o serviço de diretor da Casa inspetorial.

8. *FOX, Julian,*
inspetor da Inspetoria da
Austrália

A suceder ao Pe. Ferruccio Bertagnoli na direção da Inspetoria da Austrália foi chamado o Pe. Julian Fox. Nascido em Hobard, na província da Tasmânia, no dia 20 de julho de 1945, Julian Fox entrou na Congregação Salesiana no dia 31 de janeiro de 1965, depois de ter feito o seu Noviciado em Oakleigh. Terminado o tirocínio e feitos os estudos teológicos, foi ordenado padre na igreja paroquial da sua cidade natal no dia 7 de dezembro de 1972.

Diplomado em Ciências da Educação e alcançada a habilitação para o magistério, o Pe. Fox exerceu o ministério educativo e sacerdotal nas casas de Oakleigh e de Sunbury, até que em 1982 foi chamado a dirigir a escola técnica de Ferntree Gully. Desde 1986 era diretor da Casa de Sunbury e membro do Conselho inspetorial.

9. *GALBUSERA, Gaetano,*
inspetor da Inspetoria
Adriática (Itália)

O Pe. Gaetano Galbusera, novo Inspetor de Ancona, nasceu em Maresso (Como) no dia 27 de agosto de 1940. Ainda adolescente, passou alguns anos no aspirantado de Loreto, onde amadureceu a sua escolha de estar com Dom Bosco. Fez o Noviciado em Missaglia (Como), na Inspetoria Lombardo-Emiliana, e emitiu a primeira profissão religiosa no dia 16 de agosto de 1957. Após o tirocínio prático fez os estudos teológicos no Pontifício Ateneu Salesiano de Turim e em Roma, onde foi ordenado sacerdote no dia 22 de dezembro de 1967.

Alcançada a licença em Teologia e o diploma em Letras, desenvolveu por alguns anos um precioso apostolado no ensino e na animação das casas de Arese, Brescia, depois outra vez Arese. Quando em Arese foi confiada aos Salesianos a paróquia da cidade, foi feito Pároco e Diretor. Um ano antes fora transferido como Diretor para a obra "São João Bosco" na Bolonha.

10. *IZURIETA, Hugo,*
inspetor da Inspetoria de
La Plata (Argentina)

Nascido em Chascomus, na província de Buenos Aires, no dia 1.º de abril de 1934, Hugo Izurieta aos onze anos entrou no aspirantado de La Plata e, após o Noviciado, emitiu a primeira profissão religiosa em Morón no dia 31 de janeiro de 1952. Completada a experiência do tirocínio, preparou-se para o Sacerdócio no estudantado de Córdoba, onde foi ordenado sacerdote a 26 de novembro de 1961.

Obtido o título de habilitação ao magistério, foi enviado como pro-

fessor primeiro no colégio de Bernal, depois ao de Uribellarea. No ano de 1967 foi chamado a dirigir a Casa de General Pirán, de onde, em 1973, passou à de Dom Bosco. Em 1974 foi transferido como diretor do colégio de General Pico e, em 1984, ao Colégio Dom Bosco de Mar del Plata. O Pe. Izurieta também fez parte, por três anos, do Conselho inspetorial.

11. *MARTINELLI, Antônio,*
inspetor da Inspetoria
Meridional (Itália)

Nascido em Soverato, na província de Catanzaro, no dia 22 de maio de 1934, Antônio Martinelli aos doze anos entrou no colégio salesiano da sua cidade natal; aceito no Noviciado de Pórtici (Nápoles), terminou-o no dia 16 de agosto de 1950 com a primeira profissão religiosa. Terminado o tirocínio prático, foi mandado para o estudantado de Turim-Crocetta para freqüentar os estudos teológicos, concluídos os quais foi ordenado sacerdote na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim no dia 11 de fevereiro de 1960.

Obtida a licença em Teologia, o Pe. Martinelli voltava à sua Inspetoria como professor e animador, primeiro em Torre Annunziata, depois no estudantado teológico de Castellamare di Stabia, onde em 1968, assumia a tarefa de Diretor. Alguns anos depois passa a fazer parte do Conselho inspetorial.

Após ter participado do CGS, no ano de 1973 foi eleito Inspetor da Inspetoria Vêneta Oeste (Verona). Terminado o sexênio voltou a Castellamare. Depois de um ano foi chamado a dirigir o Centro Nacional de Pastoral Juvenil, primeiro em Turim e depois em Roma (para onde o centro se transferira). Desde 1980 exercia também o cargo de Secretário da Conferência das Inspetorias da Itália (CISI).

12. *SCAGLIONI, Arnaldo,*
inspetor da Inspetoria
Lombardo-Emiliana (Itália)

Arnaldo Scablioni nasceu em Sabbioneta, na província de Mântova, no dia 19 de janeiro de 1939. Aos 11 anos entrou na Casa salesiana de Ferrara e pediu para ser admitido ao Noviciado, que fez em Montódine. Em Misságli (para onde se transferira o Noviciado) emitiu a primeira profissão salesiana a 16 de agosto de 1956.

Após a experiência do tirocínio, fez os seus estudos teológicos no Ateneu Salesiano, primeiro em Turim e depois em Roma, onde foi ordenado sacerdote a 22 de dezembro de 1966.

Obtida a licença em Teologia e o diploma na escola pública de Pedagogia, após alguns anos de magistério, em 1976 foi chamado a dirigir a casa salesiana de Fiesco (Cremona) e sucessivamente de Parma. Desde 1981 era membro do Conselho inspetorial.

5.4. Solidariedade fraterna (50.ª relação)*a) Inspetorias que quiseram beneficiar outras Inspetorias e obras necessitadas***AMÉRICA LATINA**

| | | |
|----------------------------|---|---------|
| Inspet. México-Guadalajara | £ | 637.500 |
|----------------------------|---|---------|

AMÉRICA DO NORTE

| | | |
|---------------------------|---|------------|
| Inspet. Est. Unidos-Leste | £ | 13.793.540 |
|---------------------------|---|------------|

| | | |
|---------------------------|---|------------|
| Inspet. Est. Unidos-Oeste | £ | 16.218.750 |
|---------------------------|---|------------|

ÁSIA

| | | |
|-----------------------|---|-----------|
| Inspet. Índia-Bombaim | £ | 1.225.000 |
|-----------------------|---|-----------|

| | | |
|-----------------------|---|-----------|
| Inspet. Índia-Dimapur | £ | 1.000.000 |
|-----------------------|---|-----------|

| | | |
|-------------------------------|---|---------|
| Inspet. Índia-Dimapur (Maram) | £ | 100.000 |
|-------------------------------|---|---------|

| | | |
|----------------------|---|-----------|
| Inspet. Índia-Madras | £ | 5.000.000 |
|----------------------|---|-----------|

| | | |
|-------------------|---|-----------|
| Inspet. Tailândia | £ | 2.000.000 |
|-------------------|---|-----------|

EUROPA

| | | |
|-----------------------------------|---|-----------|
| Inspet. Itália-Romana (Eslovacos) | £ | 1.500.000 |
|-----------------------------------|---|-----------|

| | | |
|-------------------------------------|---|---------|
| Inspet. Itália-Vêneta Leste (Údine) | £ | 600.000 |
|-------------------------------------|---|---------|

| | | |
|----------------------------|---|------------|
| Itália — Diocese de Brécia | £ | 10.000.000 |
|----------------------------|---|------------|

| | | |
|----------------------------|---|---------|
| Itália — Sra. Bosio Elvise | £ | 100.000 |
|----------------------------|---|---------|

| | | |
|-------------------------|---|-----------|
| Inspet. Espanha Córdoba | £ | 5.000.000 |
|-------------------------|---|-----------|

*b) Inspetorias e obras beneficiadas***AMÉRICA LATINA**

| | | |
|---|---|------------|
| Inspet. América Central Nicarágua para as comunidades salesianas | £ | 30.000.000 |
|---|---|------------|

ÁSIA

| | | |
|------------------------|---|------------|
| Vietnã: para os irmãos | £ | 22.000.000 |
|------------------------|---|------------|

EUROPA

| | | |
|--|---|------------|
| Inspet. Jugoslávia-Ljubiana em auxílio à editora | £ | 10.000.000 |
|--|---|------------|

| | | |
|-------------------------------------|---|------------|
| Inspet. Polónia Pila para o teólogo | £ | 20.000.000 |
|-------------------------------------|---|------------|

5.5. Irmãos falecidos (1987 — 3.ª relação)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const.).

| NOME | LUGAR e DATA da morte | IDADE | INPS. | |
|---|-----------------------|----------|-------|-----|
| P. ALBERA Virgilio | Dibrugarh | 13-08-87 | 74 | ING |
| L. ANCONA Giov. Battista | Campo Grande | 10-06-87 | 77 | BCG |
| P. ARNEODO Luigi | Torino | 17-07-87 | 78 | ISU |
| P. BECHIS Achille | Torino | 20-06-87 | 71 | ISU |
| P. BENIKOWKI Piotr | Czestochowa | 04-07-87 | 72 | PLO |
| P. BEOBIDE ZENDOYA J. Manuel | Urnieta | 09-08-87 | 87 | SBI |
| P. BORRA Giuseppe | Roma | 08-07-87 | 72 | IRO |
| P. BYRNE McARDLE Lawrence | San Francisco | 13-07-87 | 78 | SUO |
| P. CAPRA CELESTINO | Recife | 03-08-87 | 87 | BRE |
| P. CASTELVECCHI Lawrence | Bootle | 27-06-87 | 62 | GBR |
| P. CIAMPI Theodore | Marrero | 11-06-87 | 79 | SUE |
| P. COLOMBO Giovanni | Novara | 24-06-87 | 79 | INE |
| P. DE GIORGIO John | Malta | 11-05-87 | 80 | IRL |
| P. DEIALA Antioco | Lanusei | 05-09-87 | 73 | ISA |
| P. DELLA TORRE Giuseppe | Vancouver | 08-07-87 | 79 | SUO |
| P. FREIRE José Antonio | Montevidéu | 08-08-87 | 85 | URU |
| P. GRABRE Giovanni | Venezia | 12-07-87 | 91 | IVE |
| P. HUBER Juan | Manágua | 08-07-87 | 86 | CAM |
| P. KOZUCHOWKI Edmund | Barlinek | 15-08-87 | 63 | PLN |
| L. JAROSZEWCZ Ignacy | Wejherowo | 11-08-87 | 78 | PLN |
| P. JUSSEAU Maxime | La Crau | 21-08-87 | 74 | PLY |
| P. MORRONE Michele | Civitanova Marche | 15-07-87 | 91 | IRO |
| E. MORROW L. R. Louis | Krishnagar (Índia) | 31-08-87 | 94 | |
| <i>Foi Bispo por 48 anos dos quais 30 na Sé de Krishnagar</i> | | | | |
| P. NAGY János | Ódz (Hungria) | 20-07-87 | 72 | UNG |
| P. OLIVA Rafael C. | Mar del Plata | 26-07-87 | 81 | ALP |
| P. ORMINSKI Stanislaw | Wejherowo | 13-06-87 | 75 | PLN |
| P. PAGANOTTO Giuseppe | Verona | 23-06-87 | 77 | IVO |
| P. POZO GONZALEZ Amador | Orense | 27-07-87 | 58 | SLE |
| P. RAMPONI Egidio | Cesenatico | 16-07-87 | 73 | ILE |
| P. RATAJCZAK Zygmunt | Klobuck | 19-07-87 | 77 | PLO |
| L. RODLER Primo | Pordenone | 20-07-87 | 76 | IVE |
| P. SAFARIK José | Piura | 09-07-87 | 81 | PER |
| P. SALGADO FUENTES Neftali | Santiago de Chile | 02-08-87 | 48 | CIL |

62 ATOS DO CONSELHO GERAL.

| | | | | |
|--------------------------------|-----------------|----------|----|-----|
| P. SAUER Johannes | Munique | 23-06-87 | 58 | GEM |
| L. SCHAUER Leopold | Viena | 13-06-87 | 77 | AUS |
| P. SERIO Giorgio | Cisternino | 04-07-87 | 93 | IME |
| P. SGHERZA Leonardo | Morfetta | 17-07-87 | 75 | IME |
| L. SIRENA Girodano | Mogliano Veneto | 08-07-87 | 74 | IVE |
| P. SROCZYNSKI Eugeniusz | Czerwinski | 25-08-87 | 75 | PLE |
| P. STEFLI Mario | Trento | 18-07-87 | 61 | IVE |
| P. SZYDLIK Henryk | Plock | 31-08-87 | 50 | PLE |
| P. ZANNANTONI Angelo | Torino | 19-08-87 | 82 | ISU |
| P. ZULLI Gabriele | Elizabeth | 21-06-87 | 73 | SUE |

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
01051 — SÃO PAULO — SP
Telex: (011) 32431 ESPS BR